

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADES DE INFORMAÇÃO(CBG)

MARIA CECILIA JARDIM BARROS

Contribuição para representação de acervo de figurino:
uma proposta para o Setor de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Rio de janeiro

2016

MARIA CECILIA JARDIM BARROS

Contribuição para representação de acervo de figurino:
uma proposta para o Setor de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de bacharel
em Biblioteconomia pela Faculdade
de Administração e Ciências
Contábeis da Universidade Federal
do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Veloso da Costa Santos
Coorientadora: Profa. Dra. Vânia Lisboa da Silveira Guedes

Rio de janeiro

2016

Ficha catalográfica

B277c

Barros, Maria Cecília Jardim.

Contribuição para representação de acervo de figurino: uma proposta para o Setor de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Maria Cecília Jardim Barros. – Rio de Janeiro, 2017.

74f

Orientadora: Maria José Veloso da Costa Santos;

Coorientadora: Vânia Lisboa da Silveira Guedes.

Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Curso Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

1. Representação Descritiva. 2. Representação Temática. 3. Figurino teatral. 4. Teatro. I. Santos, Maria José Veloso da Costa. II. Guedes, Vânia Lisboa da Silveira. III. Título

CDD

025.3

792

MARIA CECILIA JARDIM BARROS

Contribuição para representação de acervo de figurino:
uma proposta para o Setor de Artes Cênicas do Colégio de Aplicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de bacharel
em Biblioteconomia pela Faculdade
de Administração e Ciências
Contábeis da Universidade Federal
do Rio de Janeiro.

Aprovado em: ____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Professora D. Sc. Maria José Veloso da Costa Santos – CBG/UFRJ
(Orientadora)

Professora D. Sc. Vânia Lisbôa da Silveira Guedes – CBG/UFRJ
(Coorientadora)

Professora D. Sc. Mariza Russo – CBG/UFRJ

Professora M.Sc. Nadir Ferreira Alves – CBG/UFRJ

À minha filha, Sophia, minha maior dádiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me possibilitado chegar até aqui, mesmo com todos os obstáculos e empecilhos que me fizeram inúmeras vezes pensar em desistir. Por todos os momentos em que pensei estar sozinha e sem saída e Ele repousou sua mão sobre mim e me deu uma luz para seguir a diante.

À Sophia, minha filha, que corajosamente aguentou todos os meus momentos de crise e sempre otimista acreditou que o melhor para mim e para ela só poderia ser construído por meio de esforço e dedicação a aquilo que eu amava. E por buscar junto comigo um futuro melhor para nós duas.

À minha tia Nilceia, que mesmo sem eu mencionar uma só palavra me entendia e sempre me deu apoio, mesmo quando não poderia. Que sempre tinha uma palavra consoladora quando me via esmorecer.

À meu pai, que mesmo distante sempre será o melhor pai do mundo.

À minha querida orientadora e professora Mazé, que desde o 1º período se tornou fonte inesgotável de inspiração para que eu seguisse minha trajetória pela Representação Descritiva, e que contribuiu substancialmente para que eu me apaixonasse pela Biblioteconomia.

Agradeço também à professora Vania por toda atenção e paciência para virar o dia comigo.

Agradeço a amigos incríveis que esta universidade pode me doar: Grayce com seu bom humor, Monica e toda sua sabedoria e Shana por compartilhar comigo as dores de ser uma mãe universitária. Vocês foram essenciais para o que sou hoje.

“A flor que desabrocha em meio a adversidade, é a mais
rara e bonita de todas.”
(Imperador Chinês)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema principal a representação descritiva e temática de acervo de figurino de teatro, sobretudo no que concerne à descrição física e de conteúdo. O objetivo do trabalho consiste em definir um modelo de representação descritiva e temática, para o campo de figurino de teatro, baseado em padrões internacionais, visando à disponibilização, recuperação e uso desses documentos. A justificativa para a escolha do tema deve-se a experiência com o acervo de figurino teatral do Setor de Artes Cênicas do CAp/UFRJ, no âmbito do projeto Fora de cena. O marco teórico partiu de três conceitos principais: representação descritiva, representação temática e o teatro no ensino médio. A representação descritiva é referente a um conjunto de informações padronizadas que descrevem o documento, enquanto que a representação temática se fundamenta na descrição do conteúdo do documento. O teatro no ensino médio baseia-se na apresentação das relações com o fazer teatral, na vivência pedagógica da linguagem cênica, sobretudo, na experiência profissional ao desenvolver pontes de integração entre a assimilação do conhecimento entre os discentes. A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, uma vez que o trabalho consiste na primeira etapa de uma investigação e busca desenvolver conceitos e ideias para atender uma demanda. Os resultados apresentam a proposta de representação descritiva e temática desse tipo de documento, assim como, um glossário da área, seguido de uma taxonomia como ferramenta de mapeamento das relações hierárquicas, lógicas e ontológicas, no campo semântico figurino teatral. Finalizando são tecidas considerações, sugestões de futuros trabalhos, seguidas das referências ligadas às citações contidas no texto do trabalho e dos apêndices que se fizeram necessários.

PALAVRAS-CHAVE: Representação Descritiva. Representação Temática. Figurino teatral. Teatro.

ABSTRACT

The main theme of this work is a descriptive and thematic representation of theater costumes, mainly not about a physical description and content. The goal of this work is to define a descriptive and thematic representation model for the field of theater costumes, based on international standards, aiming at the availability, retrieval and use of documents. The rationale for a choice of theme to develop an experience with the theatrical costume collection of the CAp / UFRJ Performing Arts Sector, is not an out of the scene project. The theoretical framework was based on three main concepts: descriptive representation, thematic representation and non-high school theater. The descriptive representation refers to a set of standardized information that describes the document, while the thematic representation is based on the description of the content of the document. The theater in high school is based on the presentation of relations with theatrical performance, on the pedagogical education of the scenic language, above all, in the professional experience to develop bridges of integration between the assimilation of the knowledge among the students. The methodology used for an exploratory research, since the work consists of the first phase of a research and a search for developed concepts and ideas to meet a demand. The results present a proposal for a descriptive and thematic representation of a type of document, as well as a glossary of the area, followed by a taxonomy as a tool for mapping the hierarchical, logical and ontological relations in the semantic field of theatrical costumes. Finally, we have considerations, suggestions for future work, followed by the references related to the quotations contained in the text of the paper and the appendices that have become necessary.

PALAVRAS-CHAVE: Descriptive Representation. Thematic Representation. Theatrical Costume. Theater.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Etiqueta de identificação.....	35
Quadro	Proposta de correspondência dos campos MARC 21.....	37
Figura 2	Vestido <i>gigot</i> , 1895.....	40
Figura 3	Exemplo de catalogação tradicional.....	40
Figura 4	Exemplo de catalogação em catálogos eletrônicos.....	41
Figura 5	Vestido camponesa (traje)	41
Figura 6	Exemplo de catalogação tradicional.....	42
Figura 7	Exemplo de representação do traje.....	42
Figura 8	Vestido de prenda.....	43
Figura 9	Exemplo de catalogação tradicional.....	44
Figura 10	Exemplo de representação do traje.....	44
Figura 11	Resultado de extrato da aplicação <i>RankWords</i>	45
Figura 12	Relação lógica e ontológica do acervo figurino.....	59
Figura 13	Relação ontológica de Vestimentas.....	60
Figura 14	Relação lógica e ontológica do setor de confecção.....	60
Figura 15	Relação lógica de Vestimenta.....	61
Figura 16	Relação ontológica de casaco.....	62
Figura 17	Relação ontológica de calçado.....	62
Figura 18	Relação ontológica de tecido artesanal.....	63
Figura 19	Relação ontológica de tecido.....	64

LISTA DE SIGLAS

3D	Três dimensões
AACR	<i>Código de Catalogação Anglo-Americano</i>
CAp	Colégio de Aplicação
CFCH	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
CI	Ciência da Informação
FRBR	<i>Functional Requirements for Bibliographic Records</i>
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
ISBD	<i>Internacional Standard Bibliographic Description</i>
MARC	<i>Machine Readable Cataloging</i>
RDA	<i>Resource Description and Access</i>
SOC	Sistema de Organização do Conhecimento
SRI	Sistema de Recuperação da Informação
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO.....	14
1.2	OBJETIVOS.....	15
1.2.1	Objetivo geral.....	15
1.2.2	Objetivo específico.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1	REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA.....	17
2.2	REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA.....	22
2.3	TEATRO E FIGURINO.....	25
3	METODOLOGIA.....	29
3.1	PROCEDIMENTOS DA REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA.....	31
3.2	PROCEDIMENTOS DA REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA.....	32
4	RESULTADOS.....	34
4.1	PROPOSTA DE REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA.....	34
4.2	PROPOSTA DE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA.....	45
4.2.1	Glossário de figurino teatral.....	46
4.2.2	Taxonomia.....	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
	REFERÊNCIAS.....	67

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se à representação de figurino de peças teatrais, quanto a forma física (Representação Descritiva) e quanto ao conteúdo (Representação Temática), especificamente, à representação do acervo de figurino do Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), visando, sobretudo, a propor um modelo de formato de entrada desse material em um sistema de recuperação da Informação (SRI), para viabilizar a consulta, a localização e a recuperação da informação nele contida.

O CAp/UFRJ foi fundado em 1948, com a missão de ser uma escola para a experimentação de novas práticas pedagógicas e para a formação de futuros professores. Vinculado à UFRJ, pertence ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) e tem como base para suas atividades os três pilares que regem a UFRJ: ensino, pesquisa e extensão.

No CAp/UFRJ o Setor de Artes Cênicas detém a custódia de dois tipos de acervo: o acervo de peças teatrais e o acervo de figurino que atendem às demandas dos licenciandos bolsistas do Setor, nas atividades da disciplina de Artes Cênicas. Essa disciplina visa a servir, simultaneamente, de arcabouço para construção de uma dinâmica entre a prática do ensino do teatro e da orientação aos graduandos, bem como de apoio para a construção de peças teatrais encenadas pelos alunos.

Nesse sentido, o trabalho em questão pretende contribuir com a representação descritiva e temática de um dos acervos do Setor de Artes Cênicas do CAp, o acervo de figurino.

A Representação Descritiva também, denominada de Catalogação pode ser entendida como um subsistema de um SRI, pois reúne um conjunto de informações que simbolizam o registro do conhecimento, no caso do objeto de estudo desse trabalho, o figurino. Segundo Mey e Silveira (2009, p.7) a Catalogação é “o estudo, preparação e organização de documentos que alinhados em conjunto compõem um acervo, de modo que uma vez estes

documentos coordenados sistematicamente possibilitem a recuperação das informações contidas nele”.

A representação descritiva de documentos utiliza-se de instrumentos e padrões internacionais recomendados pela International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) para esse fim. Entre esses instrumentos encontra-se o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR 2), segunda edição revista, que possui um capítulo dedicado à representação descritiva de artefatos tridimensionais, capítulo esse, onde pode ser incluída a representação descritiva de figurino de peças teatrais (doravante figurino).

De acordo com Ribeiro (2006, p.5) os objetos tridimensionais “[...] são objetos fabricados ou modificados por uma ou mais pessoas, à mão ou industrialmente”. Como o próprio nome sugere, objeto tridimensional (3D), é todo documento que possui 3 dimensões: altura, largura e comprimento. Neste caso, será utilizado o conceito de objeto sob o viés do vestuário, que de acordo com Gravina (2011, p. 13) é toda “[...] peça de roupa em si, esteja ela representada fisicamente, pelos tecidos e outros materiais que a compõe”.

Sob essa perspectiva, Otlet (1934), citado por Santos (2007, p. 57), em seu *Traité de Documentation*, obra sobre a organização e o acesso ao conhecimento, sugere que todo objeto pode ser considerado documento, ampliando assim, o sentido do termo documento, que segundo o autor, “são todos os meios que servem para informar e comunicar algo e que não tenham a escrita como principal meio de expressão”, como por exemplo: manuscritos, mas também arquivos, mapas, esquemas, ideogramas, diagramas, desenhos e reproduções dos mesmos, fotografias de objetos reais, entre outros.

Corroborando com Otlet, Suzane Briet, citada por Pinheiro (2002, p. 3), em seu livro *Qu'est-ce la Documentation*, considera o documento como “qualquer traço concreto ou simbólico preservado ou registrado com o propósito de representar, construir ou comprovar um fenômeno físico ou intelectual”. Assim, entende-se que o objeto de estudo do presente trabalho, o figurino, é considerado documento na visão desses autores, podendo então, ser representado descritivamente e tematicamente em um SRI para fins de consulta e recuperação

precisa. A representação descritiva e a representação temática fazem parte da área de pesquisa denominada Organização da Informação e do Conhecimento, do arcabouço teórico da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (CI).

A representação temática está voltada para a representação do conteúdo do documento. As pesquisas sobre o tema abordam vários aspectos como, por exemplo, processamento, tratamento da informação, comunicação, busca, disseminação etc. Méndez Rodríguez e Moreira González (1999 *apud* GUEDES, 2009, p. 3) definem a representação temática de um documento como sendo:

[...] a classificação e caracterização do conteúdo, tanto do documento quanto das consultas formuladas pelos usuários, retendo as ideias mais representativas e vinculando-as a termos de indexação, extraídos da linguagem natural, empregada pelos autores, ou de um vocabulário controlado, selecionado *a priori*.

Quanto à representação temática pretende-se, no presente trabalho, propor um modelo sucinto de vocabulário controlado para representar o figurino, entendido também como indumentária ou vestuário utilizados para a apresentação de peças teatrais.

1.1 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO

Esse trabalho se justifica na medida em que existe carência de literatura sobre a representação de figurino em língua portuguesa, tanto sob o aspecto descritivo como temático, que oriente o profissional a entender e realizar o processamento técnico desse tipo de material e, assim, viabilizar sua recuperação em um SRI.

Assim, o principal questionamento que suscitou a presente pesquisa foi:

- De que forma o bibliotecário poderá representar descritivamente e tematicamente o acervo de figurino de peças teatrais em um SRI, utilizando padrões e instrumentos internacionais disponíveis para organização da informação e do conhecimento, com vistas à precisão na sua recuperação?

O interesse pela presente pesquisa reside no fato de a autora ter sido bolsista no CAp/UFRJ e ter tido contato com o acervo de figurino, oportunidade em que foi reconhecida a necessidade de seu tratamento e organização técnica, de modo a atender, de forma eficaz e satisfatória aos usuários desse acervo. Acresce-se a isso, o desejo de que o trabalho sirva como contribuição a outras unidades de informação que possuam esse tipo de acervo.

1.2 OBJETIVOS

Os objetivos da presente pesquisa estão divididos em objetivos geral e específico, elencados a seguir.

1.2.1 Objetivo geral

Definir um modelo de representação descritiva e temática para figurino de peças teatrais, baseado em padrões internacionais existentes, bem como contribuir com a construção de um vocabulário controlado no assunto em questão, para sua representação temática, visando à disponibilização desse acervo em um SRI, com vistas a propiciar e otimizar a recuperação e uso desse material.

1.2.1 Objetivos específicos

- Analisar tipos de vestimentas do acervo de figurino de peças teatrais do Setor de Artes Cênicas do CAp/UFRJ como objeto tridimensional e extrair dados que subsidiem sua representação descritiva;
- Conceituar figurino, e demonstrar o seu uso como documento e fonte de informação;
- Relacionar abordagens voltadas para a organização da informação e do conhecimento, especificamente, representação descritiva, representação temática e indexação, de modo a encontrar na literatura

trabalhos que sirvam como base para a consecução do presente trabalho de conclusão de curso;

- Investigar na literatura sobre o tema a existência de modelo de gestão de acervo de figurino, de modo a oferecer elementos que deverão fazer parte do modelo de representação descritiva proposto;

- Comparar os elementos elencados para a representação do figurino, com os campos e subcampos do formato de entrada MARC 21, com o intuito de identificar campos e subcampos que serão utilizados no modelo de planilha de entrada de dados;

- Selecionar na literatura específica sobre o assunto figurino, termos que possam representar tematicamente o acervo em questão e que deverão compor a proposta de glossário para sua representação temática.

Sendo assim, o presente trabalho está estruturado da seguinte forma:

- O capítulo introdutório - traz uma breve apresentação da instituição onde está localizado o Setor de Artes Cênicas, ou seja, o campo de pesquisa. Também aponta de forma sucinta os conceitos de Catalogação, figurino, documento e representação temática, a justificativa e a motivação para sua realização, bem como seus objetivos;

- Na seção 2, encontra-se o referencial teórico – capítulo que fornece as bases teóricas para a realização da pesquisa;

- A seção 3, é referente aos procedimentos metodológicos - descreve-se o tipo de pesquisa utilizado com suas devidas justificativas, bem como as etapas a serem cumpridas;

- A seção 4, refere-se aos resultados obtidos que se configuram nas propostas desenvolvidas para a representação descritiva e temática de acervo de figurino do CAp/UFRJ, visando à sua recuperação;

- A seção 5, trata das considerações finais, contendo sugestões para futuros trabalhos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nessa seção apresenta-se o referencial que forneceram base teórica ao presente trabalho. São apresentados alguns autores e suas abordagens, nos seguintes assuntos: Representação Descritiva, Representação Temática e Teatro.

2.1 REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA

Desde o início dos tempos a humanidade tem realizado uma série de tentativas de registrar o conhecimento para deixar de herança para seus descendentes. Exemplo disso são as pinturas nas cavernas deixadas pelo homem pré-histórico. Desde então, na evolução dos tempos, *Calímacus* de Cirene na Biblioteca de Alexandria, no Egito Antigo, procurou meios para recuperar a produção intelectual da época registrada nos rolos de papiro, criando um catálogo denominado *Pinakes*. Com o surgimento da imprensa, houve o aumento e a disseminação da produção do conhecimento que cresceu de forma exponencial, sendo necessária a criação e aperfeiçoamento de técnicas que viabilizassem a organização do conhecimento produzido para que o mesmo pudesse ser recuperado. A autora Plácida Santos (2014, p. 13), buscou no levantamento histórico da Catalogação traçar uma epistemologia da área

Na tentativa de demonstrar a Catalogação como disciplina responsável pelo processo de representação documentária, utilizamos o levantamento histórico com a intenção de construir a epistemologia da Catalogação com base em sua historicidade.

Já na década de 1960, a Biblioteconomia passou por uma revolução no que tange ao aprimoramento das técnicas que visassem à recuperação da informação. Com isso, houve a necessidade de utilizar recursos computacionais já disponíveis à época. Segundo Mey e Silveira (2009) aquele foi um período assinalado pelo surgimento, nos Estados Unidos da América (EUA), do projeto *Machine Readable Cataloging (MARC)*, que tinha como propósito ser um recurso

computacional que transformasse a catalogação manual realizada em fichas catalográficas, em registros legíveis por máquina por meio da codificação dos registros bibliográficos, transformando-os em catálogos em linha. Segundo Santos (2014, p.15) ao apresentar

[...] um breve histórico da Catalogação é possível perceber a existência de uma preocupação constante na busca por modelos e métodos adequados para a construção de alguma forma de descrição para representar os documentos produzidos e para sua gestão.

Com advento da imprensa no século XV, no intuito de ordenar e reunir toda produção do conhecimento em um único documento surgiram as bibliografias universais que tinham o objetivo semelhante aos catálogos de hoje. Em seu trabalho pioneiro intitulado *Bibliotheca Universalis*, Konrad Gesner organizou catálogo por autor, assunto, além de orientações para a organização de livros e um sistema de classificação dos mesmos. Desta forma, impulsionado pelo progresso científico e de modo a contribuir para as diversas atividades que objetivassem a otimização da recuperação da informação, o catálogo deixa de ser apenas uma listagem ou inventário e passa a ser ferramenta necessária e imprescindível para a eficácia na recuperação da informação.

Percebe-se então, que através dos tempos, sempre houve a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas utilizadas na Catalogação e na Indexação, bem como um empenho dos profissionais em busca de um modelo mais eficiente de representação, tanto descritiva como temática, visando à recuperação da informação de forma a atender efetivamente aos usuários.

O principal objetivo da Representação Descritiva, segundo Santos (2007), é por meio do uso de padrões de representação e de descrição do documento, aceitos internacionalmente, definir e homogeneizar dados que sirvam como embasamento para sua recuperação e, desse modo, atender aos usuários de forma eficiente e eficaz, contribuindo para a produção do conhecimento. Logo, a função da Representação Descritiva é representar o item de modo a mostrar suas características físicas e de conteúdo, garantindo ao usuário, sua localização, identificação e uso.

Gonzales e Machado (2008, p. 1) afirmam que há outros espaços que também abrigam acervos que necessitam ser consultados, “espaços, onde são alocados às inscrições do conhecimento em quaisquer meios, que podem ser denominados de bibliotecas, museus, laboratórios, etc.” Com isso, percebe-se a justificativa para do desenvolvimento desse estudo.

No desenvolvimento deste trabalho, os princípios da Catalogação e da Indexação é que nortearão a representação desses documentos não tradicionais. Sobre isso, Fusco (2011, p.14) chama atenção para o seguinte fato:

Alguns desafios são postos para o processo da catalogação, como a representação dos diversos tipos de materiais [...]. Essa complexidade deve ser abstraída do usuário, estabelecendo uma sólida teoria e compreensão das necessidades dos usuários, com a preservação de documentos [...] para acesso futuro e a definição de um nível de padronização que permita um nível global de cooperação.

Em sentido amplo pode-se afirmar que a Catalogação se refere à representação como ‘algo no lugar de’. Para tanto são necessários o uso de padrões internacionais que possibilitem o intercâmbio entre bases de dados de diferentes unidades de informação.

A *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) instituiu em 2009, a Declaração dos Princípios Internacionais de Catalogação, que estabeleceu uma serie de padrões que normatizam os registros bibliográficos e de outros tipos de materiais, tais como: a *International Standard Bibliographic Description* (ISBD) que são normas que apresentam “pontuações para cada área da descrição bibliográfica e determinam fundamentos para a construção de catálogos” (MEY; SILVEIRA, 2010, p. 126). Lançou também, um grupo de estudos para implementação de nova metodologia baseada no modelo computacional Entidade-Relacionamento (E-R) na qual o novo código internacional - *Resource Description and Access* (RDA) - é pautado. Essa metodologia foi denominada no Brasil, Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos (FRBR), ainda pouco explorado como base para construção de catálogos e base de dados no Brasil. (MEY ; SILVEIRA, 2010).

Sobre o RDA, Oliver (2011, p. 1-3) acrescenta:

[...] consiste num conjunto de instruções práticas, que, no entanto, baseia-se numa estrutura teórica que define a forma, a estrutura e o conteúdo desta nova norma [...] Os dados RDA podem ser codificados com o emprego de esquemas existentes, como o MARC21, Dublin Core, MODS e também podem ter correspondências estabelecidas com outros esquemas, atuais ou futuros. [...] os dados RDA também foram projetados para serem usados no ambiente da Rede e em novos tipos de estruturas de bases de dados. [...] A RDA pode ser utilizada para a descrição tanto de recursos tradicionais quanto não-tradicionais, analógicos e digitais, dentro e fora da biblioteca.

A Declaração de Princípios Internacionais de Catalogação instituída pela IFLA (DECLARAÇÃO..., 2009, p. 3-4) também se refere ao catálogo como o canal de comunicação entre o usuário e o acervo.

O catálogo deve ser um instrumento efetivo e eficiente que permita ao usuário [...] encontrar recursos bibliográficos em uma coleção como o resultado de uma busca, usando atributos e relações entre recursos.

Nessa perspectiva, observa-se que esses princípios vão ao encontro com o que estabelece a terceira e quarta lei de Ranganathan “A cada livro seu leitor” e “A cada leitor o seu livro”. Entende-se que o mesmo anseio que o autor de um conteúdo tem para que sua obra seja conhecida e descoberta pelo usuário, é o mesmo anseio que o usuário tem em encontrar a informação relevante em sua busca, ou seja, o documento anseia em ser encontrado pelo usuário, e o catálogo é o meio pelo qual se media essa relação.

Dito isso, entende-se que a principal função de um catálogo é permitir que determinado item possa ser encontrado pelo usuário. Para que cumpra sua função efetiva o catálogo precisa ser dotado de algumas características indispensáveis (MEY; SILVEIRA, 2010, p. 127-128):

- Integridade significa fidelidade, honestidade na representação, transmitindo informações passíveis de verificação;
- Clareza significa que a mensagem deve ser compreensível aos usuários;
- Precisão significa que cada uma das informações só pode representar um único conceito, sem dubiedades ou dúvidas;

- Lógica significa que as informações devem ser organizadas de modo lógico;
- Consistência significa que a mesma solução deve ser sempre usada para informações semelhantes.

Para desempenhar essas funções a Catalogação faz uso de semântica, sintaxe e semiótica próprias, conforme Mey e Silveira (2010, p. 128) apontam:

A sintaxe se constitui de posição e pontuação. Ou seja, cada elemento descritivo, ao registrar uma característica ou atributo de uma entidade (no sentido dos FRBR), possui uma posição determinada. Tal posição se encontra explícita no registro bibliográfico elaborado por meio da ISBD. [...] A semiótica dá significado aos termos em sua posição e respectiva pontuação precedente.

Atualmente, no Brasil, o código de catalogação mais utilizado é o *Anglo American Cataloguing Rules* (AACR2), traduzido para o português em 2002. O AACR 2, como é conhecido, é dividido em duas partes:

- Parte 1: referente à descrição bibliográfica, incluindo as áreas da *International Standard Book Description* (ISBD), em 13 capítulos de acordo com o tipo de suporte que se deseja representar;
- Parte 2: referente aos Pontos de Acesso, Títulos Uniformes e Remissivas, com seis capítulos, numerados de 21 à 26, bem como seis anexos e o índice.

Para o interesse dessa pesquisa, destaca-se o capítulo 10 do referido Código, referente à Artefatos tridimensionais e Realia que, segundo o AACR2 (2002, p. 270) abrange:

Regras para descrição de artefatos tridimensionais de todos os tipos, como modelos, dioramas, jogos (incluindo quebra-cabeças e simulações), esculturas e outras obras de arte tridimensionais, objetos para exposição, máquinas e vestuários. Objetos que aparecem ao natural.

Logo, observa-se que, a utilização do código na prática da Catalogação exige a interpretação e uso adequado das regras da catalogografia, a hermenêutica

e a análise da entidade a ser representada. As áreas e elementos representados, bem como a pontuação irão constituir a configuração do catálogo e sua relação com o usuário. (MEY; SILVEIRA, 2010).

As características da Catalogação aliadas à acepção, sintaxe, semântica, semiótica, estabelecem juntas os fundamentos necessários para o desenvolvimento eficaz do processo comunicativo entre o usuário e o acervo representado no catálogo, onde o foco será sempre a recuperação relevante da informação, no caso desse estudo, a recuperação do acervo de figurino.

Na próxima seção, discorre-se sobre a Representação Temática que é responsável pela representação e acesso ao conteúdo do documento.

2.2 REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA

O tratamento e a organização da informação, até sua representação em catálogos, perpassam por todos os itens que compõem o documento, sejam eles físicos ou de conteúdo. Nesse sentido, pode-se dizer que a Biblioteconomia é a área do conhecimento, por excelência, ideal para a execução dessa atividade, pois cumpre importante papel no tratamento das informações que possibilita a produção do conhecimento.

A abordagem à Representação Temática parte da premissa de que a ligação entre documento e usuário, em sistemas de informação, está pautada no uso da linguagem natural ou de uma linguagem documentária. Nesse contexto, o processo de indexação consiste em analisar e selecionar conceitos, que caracterizam o conteúdo de um documento, visando à representação por termos de indexação, extraídos da linguagem natural ou de uma linguagem documentária.

No que tange à linguagem documentária, Tálamo (1997, p. 10) ressalta que a mesma é “uma linguagem construída, oposta à natural, portanto, tem como objetivo específico tratar a informação para fins de recuperação”.

Ao longo dos anos, as linguagens documentárias têm avançado no aprimoramento de ferramentas eficazes para representação e recuperação da informação, sobretudo na produção de informação documentária na web. Essas linguagens são também reconhecidas, nesse ambiente, como Sistemas de

Organização do Conhecimento (SOC). Ortega (2008, p. 8), ao se referir às informações documentárias produzidas na representação da informação, acrescenta que elas devem ser:

[...] apreendidas, registradas e armazenadas em sistemas de informação documentária a fim de que sejam passíveis de recuperação e uso. As informações documentárias, portanto, são unidades de representação, construídas sob uma forma e um conteúdo, a partir de decisões pautadas nos tipos de informação, nas áreas do conhecimento ou de atividade, na linguagem dos usuários e nos objetivos do serviço de informação, tornando explícito o propósito de um sistema de informação.

O modelo proposto por Luhn na década de 1950 serviu como base para o desenvolvimento de linguagens documentárias, tais como o Tesouro. Os tesouros são mecanismos eficientes na investigação de termos adequados para descrever o conteúdo informacional dos documentos, auxiliando assim aos usuários na recuperação da informação (KOBASHI, 1996).

Ainda segundo Kobashi (1996) o uso de tesouros apresenta maior valor agregado à informação pois eles são constituídos de “mapas conceituais” e desenvolvidos a partir do tratamento linguístico e estatísticos dos termos utilizados pelos usuários nas buscas. Sob essa perspectiva, faz-se necessário realizar previamente análise da informação contidas nos documentos. Sendo assim, a análise do assunto exige a adoção de mecanismos que sejam capazes de produzir informações documentárias, observando os parâmetros de qualidade e de pertinência demandados pela área analisada. (KOBASHI, 1996).

Pode-se deduzir então, que a indexação engloba essa tarefa, uma vez que procura obter o maior grau possível de compactação do conteúdo informacional de um documento, por meio de termos de indexação que o representem. Segundo Lancaster (2004, p.9) esse processo ocorre em etapas simultâneas: a análise conceitual do documento, também referida na literatura como análise de assunto que requer “[.] decidir sobre o que trata um documento, isto é, qual o seu assunto” e a tradução “que implica em converter a análise conceitual [...] em um conjunto de termos de indexação”.

Dependendo da familiaridade com o tema, da comunidade que será atendida e dos objetivos da unidade de informação, o processo de análise conceitual optará por determinados aspectos em detrimento de outros. Portanto, essa análise deve estar sempre pautada nas necessidades da comunidade a ser atendida. Sobre isso, Hjørland (2001 *apud* LANCASTER, 2004, p. 10) acrescenta que:

Uma vez que qualquer documento pode, em princípio, proporcionar respostas a uma infinidade de questões, as análises de assuntos devem estabelecer prioridades baseadas nos grupos de usuários específicos atendidos (ou serviços específicos proporcionados na ecologia da informação). O assunto de um documento é assim relativo ao objetivo do serviço de informação específico.

O fluxo de informações em um sistema de informação documentário exige, conseqüentemente, representações que são utilizadas pelo usuário em suas buscas, com o propósito de atender suas necessidades de informação. Kobashi e Tálamo (2003, p. 13) afirmam que “a transferência de informações requer, portanto, a elaboração de mensagens (representações) que propiciem interpretações produtivas”. Assim, o processo de análise conceitual estabelece critérios para identificar os conceitos que melhor representem o conteúdo informacional dos documentos e, deste modo, auxilia o usuário na recuperação da informação.

Nesse contexto, a indexação, por meio da análise conceitual, é um dos processos utilizados pelos profissionais da informação, com vista a permitir que usuários acessem a informação desejada de forma precisa e eficaz. Entretanto, o crescente volume de informações armazenadas na *web* remete à necessidade de se selecionar criteriosamente aquilo que é relevante e utilizar meios para preservá-los. Segundo Campello (2006, p. 4):

[...] a função dos bibliotecários é possibilitar esse acesso. Eles são mediadores entre os usuários e os registros do conhecimento e, mediante seu trabalho, buscam proporcionar ao maior número de pessoas o acesso à informação da forma mais eficaz. Para ser acessada, a informação precisa estar organizada, isto é, disposta de

forma a poder ser recuperada (bibliográfica e fisicamente) e, ao mesmo tempo, precisa ser preservada, isto é, conservada e mantida para que possa ser continuamente utilizada.

Nessa linha de pensamento, os profissionais de informação são os principais responsáveis no que concerne à preservação da memória cultural, científica e tecnológica. O conhecimento consolidado através dos tempos é por eles registrado, utilizando diversos mecanismos de representação da informação, proporcionando contribuir efetivamente para a preservação do conhecimento, de modo a viabilizar aos usuários o seu acesso amplo, irrestrito e democrático.

No que tange à representação temática, o trabalho ora apresentado tem como intenção o desenvolvimento de um protótipo de glossário, na área de figurino de peças teatrais, e a representação gráfica de uma taxonomia, que revele as relações hierárquicas, lógicas e ontológicas, dos termos elencados no glossário, que compõem o campo semântico da área em análise.

Na seção 2.3 discorre-se sobre as práticas de ensino no Teatro em consonância com a representatividade do acervo de figurino no produto final desta atividade, a encenação teatral.

2.3 TEATRO E FIGURINO

Entende-se que a “[...] síntese de elementos artísticos faz o espetáculo, e é em função dele que se deve pensar o teatro.” (MAGALDI, 2004, p.4). Logo, pode-se entender que toda encenação que se utilize de um texto declamado, ator e plateia, pode ser considerado um gênero teatral. Ainda de acordo com Magaldi (2004, p. 1):

No teatro dramático ou declamado, objeto deste ensaio [...], são essenciais três elementos: o ator, o texto e o público. O fenômeno teatral não se processa, sem a conjugação dessa tríade. É preciso que um ator interprete um texto para o público, ou, se se quiser alterar a ordem, em função da raiz etimológica, o teatro existe quando o público vê e ouve o ator interpretar um texto. [...]Espetáculo teatral e teatro podem ser considerados sinônimos, e se confundem como expressão artística específica. Se a literatura dramática fica documentada em livro

e os cenários e figurinos subsistem em fotografias e desenhos, o espetáculo é uma arte efêmera, que se realiza integralmente na sua duração.

Segundo Azevedo e Viana (2006) o termo teatro remete à representação de histórias utilizando-se do discurso, cobrindo o que é relacionado ao desenvolvimento de uma obra teatral, desde a interpretação, a produção, o figurino, o cenário e a técnica. Em paralelo, o termo figurino, traje de cena, costume, indumentária ou vestuário são sinônimos que remetem ao conjunto de elementos visuais que ajudam na composição do personagem. Nesta pesquisa, será adotado o termo figurino, em substituição aos demais termos para que não haja dualidades interpretativas, uma vez que o termo figurino refere-se ao traje de cena, ainda que o mesmo possa remeter também ao traje comum do cotidiano. Tem-se como certo, então, que o figurino na literatura especializada é uma das formas para a composição do personagem na encenação de peças teatrais.

A prática teatral para Machado *et al* (2014, p. 17) apresenta diversas formas de relação com a Pedagogia, isto porque:

[...] a vivência pedagógica da linguagem cênica no universo escolar, simultaneamente à experiência profissional, criando possibilidades de integração entre a Educação Básica e o Ensino Universitário. Sobretudo, tem levado a construir uma dinâmica particular de organização da nossa prática em sala de aula e da orientação aos graduandos.

Machado *et al* (2014, p.17) acrescentam que a prática do ensino do teatro apresenta uma “[...] variedade de olhares e fazeres que se reúnem neste espaço” e que têm “[...] revelado múltiplos movimentos, aproximações e contrastes, nem sempre harmônicos e frequentemente complexos”.

Com a evolução da disciplina de Artes Cênicas no CAp da UFRJ, as produções teatrais exigem cada vez mais todo tipo de material cênico que sirva de suporte para a construção do ‘fazer teatral’. Sendo assim, a aquisição desses materiais favorece a montagem não só das peças teatrais, bem como a composição dos personagens. Desta forma, tendo em vista a necessidade de organizar, selecionar e categorizar o acervo adquirido, ao longo dos anos, se fez

necessário a convergência de áreas do conhecimento para que esta interdisciplinaridade permita a recuperação eficaz dos objetos cênicos e seus figurinos, para seu reuso. Sobre reuso, Machado et al (2014, p. 21) asseguram que “[...] assim, não só o ordenamento desse acervo, mas uma economia de gastos para as futuras montagens e funcionalidade no dia a dia da disciplina Artes Cênicas”.

Entende-se então, no que tange ao volume documental de uma unidade teatral, evidencia-se dois tipos de acervo: o de peças teatrais constituídas por obras literárias e obras de ensino desta área do conhecimento - o Teatro; e o de figurino composto por vestimentas e objetos cênicos.

O figurino apesar de ter como função principal a caracterização do ator como fonte primordial para a composição e identificação do personagem, também pode ser visto como elemento dinâmico na evolução do espetáculo. Pois, de acordo com Lopes (2010, p. 13), o figurino pode ser visto como

[...] um sistema e de um jogo de cores e formas que procura uma coerência, uma complementaridade ou um contraste com os outros elementos, dando oportunidades ao espectador de o ler como um objeto portador de signos criado para um contexto específico – peça de teatro, apresentação musical, novela etc. -, que possui uma carga, um depoimento, uma série de mensagens que ajuda a conectá-lo ao espetáculo; denotar *status* social; indicar a região ou a cultura; diferenciá-lo da pessoa que o interpreta; definir o local onde se passa a narrativa, o tempo histórico e a atmosfera, enfim transmite ao espectador o sentido do espetáculo.

Neste sentido, entende-se que o figurino é parte integrante do teatro, pois tem como principal função a caracterização visual da idéia teatral explícita na obra. Para Iglecio e Italiano (2012, p.2):

Figurinos complementam o personagem, colaboram no entendimento da trama e trabalham com o imaginário do receptor. O figurino é a “pele” do ator e é de grande importância o ator se sentir bem dentro do figurino de seu personagem e utilizar o traje para comunicar a essência do espetáculo.

Outra característica importante do uso do figurino é que ele pode remeter o espectador ao seu local de pertencimento, ou seja, as características intrínsecas a vestimenta denota a cultura, região e/ou país em que o personagem pertence. O mesmo ocorre quando se fala de uma época do ano ou da História. O uso do figurino “[...]eventualmente, serve como documento histórico da moda de sua época. Além disso, através do figurino, podem-se identificar as estações do ano em que está ocorrendo a trama, o clima e a passagem do tempo” . (LOPES, 2010)

Logo, percebe-se que o acervo de figurino de um teatro compõe a memória física das peças encenadas no mesmo. “Quando se trabalha a relação entre o Teatro e a memória deve-se considerar que nela está inclusa a relação entre o objeto e criação, ou seja, é preciso passar a considerar a criação e ‘o fazer teatral’ como patrimônio. ” (CALLAS, 2012, p.30). A transformação dos elementos que constituem ‘o fazer teatral’ em patrimônio ou produto visual do espetáculo efetiva-se com a contextualização de cada item utilizado na encenação, como conjunto da arte do espetáculo teatral. (CALLAS, 2012)

Sob essa concepção, cabe ressaltar que o acervo de figurino constitui importante papel no registro documental do espetáculo teatral, o papel de memória, uma vez que ao transformar as peças teatrais em produtos visuais, permite a pesquisa, a reconstituição das peças de forma fidedigna, sua recriação e até mesmo o reaproveitamento das vestimentas. Contudo, percebe-se que o figurino por si só representa um documento suficientemente expressivo acerca da própria obra teatral, pois mostra-se como um item de relativa independência para com a encenação teatral. (CALLAS, 2012). Espera-se que este trabalho, também, venha contribuir com o reconhecimento dos figurinos teatrais como memória.

Na seção 3 é discriminada a metodologia e os procedimentos que foram realizados para coleta e análise dos dados de acordo com os objetivos do presente trabalho.

3 METODOLOGIA

A pesquisa sobre um tema ou objeto pode ser entendida como a primeira indagação quanto questões investigativas no âmbito da construção da realidade, ou seja, “[...] nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido em primeiro lugar, um problema da vida prática.” (MINAYO et al., 2009, p.16).

Para desenvolvimento do presente trabalho o tipo de pesquisa selecionado foi a pesquisa exploratória, isto porque, essa investigação debruça-se em um tema pouco explorado, ou seja, a representação descritiva e temática de acervo de figurinos teatrais. Para tanto, Gil (2008, p. 27) afirma que:

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tem em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...] este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

Para a consecução dos objetivos desta pesquisa, foi realizado um levantamento nas bases de dados especializadas em Biblioteconomia e CI nos seguintes assuntos: catalogação de figurino, acervo de teatro, representação temática de figurino (ou palavras similares que remetam ao mesmo significado).

O campo empírico para a coleta de dados teve como base instituições teatrais que já estabeleceram uma forma de descrição dos itens que compõem seu acervo de figurino, para sua recuperação. Selecionou-se então, o Theatro Municipal de São Paulo e o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. A partir desses dados foi desenvolvido um quadro síntese entre as descrições das duas instituições, bem como a descrição realizada pelo Setor de Artes Cênicas do CAP/UFRJ, para fins de estudo e comparação.

O instrumento para coleta de informações sobre a organização do acervo de figurino nas duas instituições pesquisadas foi o questionário estruturado, que forneceu informações sobre a descrição do acervo de figurino das instituições envolvidas. De acordo com Gil (2008, p.121), o questionário pode ser definido como:

[...] a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses [...] construir um questionário consiste basicamente em traduzir objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão proporcionar os dados requeridos para descrever as características da população pesquisada ou testar as hipóteses que foram construídas durante o planejamento da pesquisa. Assim, a construção de um questionário precisa ser reconhecida como um procedimento técnico cuja elaboração requer uma série de cuidados, tais como: constatação de sua eficácia para verificação dos objetivos; determinação da forma e do conteúdo das questões; quantidade e ordenação das questões; construção das alternativas; apresentação do questionário e pré-teste do questionário.

No entanto, os questionários enviados a essas instituições não foram respondidos em tempo hábil e devido aos prazos estabelecidos para a entrega da pesquisa decidiu-se não os considerar, optando-se por utilizar o trabalho de Azevedo e Viana sobre recuperação do acervo de figurino do Theatro Municipal de São Paulo. As informações sobre o Theatro Municipal do Rio de Janeiro não foram obtidas.

A partir desse trabalho foi composta uma lista de itens utilizados para organização acervo de figurino de ambos os teatros. Com essa lista foi localizado com base no formato MARC 21, padrão internacional da *Library of Congress*, a posição apropriada para cada item de organização. Com isso, foi desenvolvido uma proposta de planilha de entrada de dados, no formato MARC 21, para a catalogação do acervo de figurino na base Minerva da UFRJ e que será utilizada pelo Setor de Artes Cênicas do CAp/UFRJ.

Dessa maneira, os procedimentos que se sucederam para o desenvolvimento da pesquisa foram segmentados em duas fases: a primeira fase apresenta os procedimentos em relação à Representação Descritiva e a segunda fase em relação à Representação Temática, respectivamente.

3.1 PROCEDIMENTOS DA REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA

Essa fase obedeceu às seguintes etapas:

1ª Etapa: Levantamento de referências quanto as temáticas: representação descritiva, catalogação de figurino, teatro, figurino e similares que serviram para o embasamento teórico;

2ª Etapa: Análise do tratamento técnico (representação e recuperação) do acervo de figurino do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e Theatro Municipal de São Paulo, para averiguação qual o nível de detalhamento das informações inseridas em suas bases de dados;

3ª Etapa: Identificação e seleção de itens utilizados na organização do acervo de figurino nas instituições analisadas que deverão compor a proposta de planilha do registro catalográfico;

4ª Etapa: Seleção de documentos que serviram de base para a proposta.

Além dos itens de representação, selecionou-se outros trabalhos que também serviram de base para a proposta de representação descritiva, a saber:

- GRAVINA, Roberta¹, 2011 - sobre catalogação de objetos de moda.
- AZEVEDO, Elizabeth R.; VIANA, Fausto², 2006 - disserta sobre a recuperação do acervo de figurino do Theatro Municipal de São Paulo.
- BRANDÃO, Dolores Castorino³- sobre a representação documentária (descritiva e temática) de instrumentos musicais;
- CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO AMERICANO⁴, segunda edição revista (AACR2) – utilizou-se, principalmente, o capítulo 10 referente à Artefatos tridimensionais
- MARC 21⁵– serviu de base para a definição de campos e subcampos a serem utilizados para a representação descritiva;

¹ GRAVINA, Roberta Amaral Sertório. Catalogação de objetos de moda: a roupa como instrumento de pesquisa. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FESPSP. 3., 2001, São Paulo. *Anais...* São Paulo: FESPSP, 2011. p.13.

² AZEVEDO, Elizabeth R.; VIANA, Fausto. **Breve manual de conservação de trajes teatrais**. São Paulo: Gráfica InPrima, 2006. 99p

³ BRANDÃO, Dolores Castorino. **Representação documentária de instrumentos musicais**: contribuição para a organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento), Universidade Federal do Rio de Janeiro/Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 2013

⁴ CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO. 2. ed., revisão 2002, reimpressão. São Paulo: FEBAB, 2010. 2 v.

⁵ LIBRARY OF CONGRESS. Marc 21. Disponível em:< <https://www.loc.gov/marc/bibliographic/>>

5ª Etapa: Determinação dos pontos de acesso a serem recuperados;

6ª Etapa: Elaboração da proposta para a composição do registro catalográfico nos moldes do AACR 2 e do formato MARC 21.

3.2 PROCEDIMENTOS DA REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA

Os procedimentos de quanto à Representação Temática seguiu as etapas elencadas a seguir:

1ª Etapa: Levantamento de referências quanto as temáticas: representação temática e indexação na área de figurino;

2ª Etapa: Análise de termos e conceitos contidos nos textos de três documentos relacionados à área de figurino e moda;

Os três documentos selecionados para servir de base para a representação temática da área de figurino foram:

- CALLAS, Marcelo⁶ - disserta sobre o acervo de figurino como documento;
- GRAVINA, Roberta⁷ - apresenta proposta para a representação descritiva de objetos de moda;
- LOPES, Renata⁸- discorre acerca do figurino cenográfico.

Os textos desses três trabalhos foram transformados em um único *corpus*, com o objetivo de convertê-los em lista de palavras. Para tanto, aplicou-se o software contador de palavras *RankWords*⁹ versão 2.0.4, software disponível livre para treinamento na internet, que apresentou uma lista de palavras elencadas de acordo com suas ocorrências no texto e de acordo com sua frequência (*rank*).

3ª Etapa: Desenvolvimento do glossário de figurinos teatrais.

⁶ CALLAS, Marcello Girotti. **O traje de cena como documento**: estudo de casos de acervos da cidade de São Paulo. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) Pós-graduação em Artes Cênicas, Escola de Comunicação e Artes; Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. O

⁷ GRAVINA, Roberta Amaral Sertório. Catalogação de objetos de moda: a roupa como instrumento de pesquisa. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FESPSP. 3. 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FESPSP, 2011. p.13.

⁸ LOPES, Renata Vieira. **Figurino cenográfico**: o acervo do grupo divulgação. Juiz de fora: Ed. UFJF, 2010.

⁹ WORD FREQUENCY DATA. Corpus of Contemporary American English Disponível em: < <http://www.wordfrequency.info/free.asp?s=y> >

Na lista de palavras geradas pelo software *RankWords*, foram selecionadas palavras com conteúdo semântico em relação à área estudada, palavras essas, que compuseram o glossário da área de figurino. A conceituação dos termos do glossário foi realizada por meio de dicionários técnicos sobre Teatro.

- Patrice Pravis¹⁰ com Dicionário de Teatro.
- Mariana Goulart¹¹ com Glossário de moda;
- Cleide Lemes da Silva Cruz¹² com Glossário de terminologias do vestuário.

4ª Etapa: Mapeamento da taxonomia de figurinos teatrais;

A partir das palavras definidas no glossário foi mapeada a taxonomia da área de figurino, apresentando as relações hierárquicas, lógicas e ontológicas dos termos.

Na seção seguinte são apresentados os resultados obtidos com a aplicação dos procedimentos metodológicos sob o objeto de pesquisa.

¹⁰ PRAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

¹¹ Disponível em: < <http://www.glossariofashion.com.br/site/>>

¹² CRUZ, Cleide Lemes da Silva. Glossário de terminologias do vestuário. Brasília, Editora IFB, 2013.

4 RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa, que tem como objetivo fornecer contribuições para a organização de acervo de figurinos teatrais, para o Setor de Artes Cênicas do CAP/UFRJ se configuram em duas propostas, a saber:

- Proposta de Representação Descritiva do acervo de Figurino, baseada em padrões internacionais especializados e consagrados na literatura; e
- Proposta de Glossário e de Terminologia da área de Figurino - visam a dar subsídios para a representação temática da área estudada.

4.1 PROPOSTA DE REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA

Analisando-se o trabalho de Azevedo e Viana (2006), verifica-se que esses autores definem como critério para a recuperação do acervo de figurino do Theatro Municipal de São Paulo, o número de localização do vestuário.

Assim, no Theatro Municipal de São Paulo o número de localização da vestimenta é composto, segundo esses autores (2006, p. 56), da seguinte forma:

As letras iniciais, duas, em maiúsculo, são tiradas do nome do espetáculo (ver item referente à denominação do espetáculo). Se o nome for composto, são usadas as duas letras mais “significativas” que remetam sonoramente à denominação do espetáculo. Assim: O Barbeiro de Sevilha = BS, ou Cavalleria Rusticana = CR. No caso de nome de espetáculo com uma só palavra, as duas letras serão escolhidas com o mesmo critério acima mencionado. Ex: Aída = AD, Macbeth = MC

A figura 1, a seguir, ilustra o número de localização de peça do figurino, utilizado para a recuperação do acervo do Theatro Municipal de São Paulo.

Figura 1 – Etiqueta de identificação



Fonte: Azevedo; Viana, 2006, p. 45

A figura 1 mostra três peças de figurino com etiqueta contendo o número de localização de cada peça, onde:

BG – Significa a sigla para o espetáculo

951 – Significa o ano do espetáculo, neste caso, 1951.

00139 – o número da roupa

Desta forma, compreende-se que para esses autores o número de localização, da forma como é composto, é relevante para a comunidade que faz uso e manipulação do acervo para sua recuperação eficaz.

Entende-se, no entanto, que o número de localização (ou de chamada) da peça de figurino, embora importante para sua localização, é limitada no sentido de recuperar com precisão a peça.

Na proposta ora apresentada o número de chamada será composto na seguinte ordem:

- Duas letras em maiúsculo referente à denominação do espetáculo;
- Número de Cutter referente ao título do espetáculo.

O trabalho desenvolvido por Gravina (2011) acerca da representação descritiva de objetos de moda contribuiu para o presente trabalho na definição da entrada principal. Verificou-se que para essa autora, a entrada principal é o autor da confecção (criador) da vestimenta, considerado relevante para a recuperação do acervo. Observa-se que a concepção dessa autora está mais próxima do que determina o AACR2 – a entrada principal é o autor do documento.

Gravina (2011, p.12, 13) justifica sua escolha pelo autor do figurino e ressalta sua importância ao afirmar que:

os costureiros, figurinistas e depois os estilistas passaram a criar não só para o deleite do consumo, mas também para a contemplação, confeccionando verdadeiros acervos, alguns, inclusive, expostos em museus de nossa atualidade [...] a etapa de expressão artística da Moda e sua compreensão é de fundamental importância para a construção do significado da roupa enquanto objeto social, utilizado e recriado, além dos estilistas, pelos demais profissionais [...]

Em paralelo, o trabalho de Brandão (2013), sobre a representação descritiva de instrumentos musicais, colaborou para a adaptação dos campos MARC 21, de modo a hospedar a representação descritiva de objetos tridimensionais, que, no caso dessa pesquisa, é o acervo de figurino.

O capítulo 10 do AACR2 referente à Artefatos Tridimensionais e Reália foi utilizado para fundamentar a representação descritiva do figurino, sobretudo no que tange à composição dos detalhes do objeto 3D. De acordo com esse código (2002, p.270) o capítulo 10 é destinado

à descrição de objetos tridimensionais de todos os tipos (menos os abrangidos em capítulos anteriores) como modelos, dioramas, jogos (incluindo quebra-cabeças e simulações), cassetes de braille, esculturas e outras obras de arte tridimensionais, objetos de exposições, máquinas e vestuários.

Importante constatar que o próprio AACR2 recomenda que a catalogação de vestuário tenha como base o seu capítulo 10.

Dessa maneira, a pesquisa apropriou-se dos elementos indicados pelos trabalhos analisados para a organização do registro bibliográfico, com suas

devidas áreas de descrição, buscando-se sua correspondência e/ou equivalência com o MARC 21 e com o AACR2.

O quadro abaixo sintetiza a proposta de representação descritiva de figurino, compreendendo os elementos indicados pelos trabalhos e sua correspondência no MARC 21 e no AACR2.

Quadro - Proposta de Representação Descritiva
Correspondência com os campos MARC 21

MARC 21/AACR2		PROPOSTA
ELEMENTO DE DESCRIÇÃO	CAMPO	
Fonte de aquisição	040	Informações sobre a fonte de aquisição para o item ou suas reproduções.
Número de chamada (ou de localização) do figurino	090	Registrar as duas primeiras letras em maiúscula do título do espetáculo [isso vai corresponder à CDD] e no. de Cutter do autor ou da primeira palavra do título, quando não houver autoria.
Autoria	100	Nome da responsável pela fabricação
Título uniforme coletivo	243	Título genérico construído pelo catalogador para reunir as diversas peças de um mesmo espetáculo.
Título principal	245	Título principal completo quando houver, incluindo informações sobre o material usado na confecção, o subtítulo e a indicação de responsabilidade.
Serie	490	Nome do espetáculo
Restrição de acesso	506	Utilizada para limitar o uso do figurino.
Resumo	520	Informações sobre os detalhes do figurino descrito.
Público alvo	521	Identifica o público específico ou nível intelectual para o qual o conteúdo do item descrito é apropriado.
Outros formatos disponíveis	530	Informa a disponibilidade do figurino ser confeccionado, por exemplo, em outro tecido.
Informações sobre financiamento	536	Informa quem, ou que projeto financiou o figurino.
Condições de uso e reprodução	540	Restringe o direito de reproduzir, exibir, adaptar, etc.
Origem	561	Informa a história do material descrito, desde o momento de sua criação até o momento de sua aquisição. Usado para registrar, por exemplo, o nome do doador, ou, o local onde originalmente o figurino se encontrava.

Publicações sobre o material descrito	581	Contém referências de publicações utilizadas para identificar o figurino. Pode ser utilizado também, para registrar catálogos de exposição ou de coleção, que contenha reproduções do figurino, como fotos etc.
Assunto - nome pessoal	600	Informa sobre um nome pessoal utilizado como assunto atribuído à obra.
Assunto tópico	650	Representado por um termo que represente o tipo de vestimenta, utilizando o Glossário proposto no trabalho.
Assunto - nome geográfico	651	Usado para representar o assunto quando esse for um nome geográfico
Entrada secundária - nome pessoal	700	Nome pessoal como entrada secundária que não tenha sido adotada como entrada principal, por exemplo, colaboradores, etc.
Entrada secundária - entidade	710	Nome da entidade como entrada secundária, que não tenha sido adotada como entrada principal, mas que seja considerada ponto de acesso relevante para a recuperação.
Entrada secundária - título uniforme	730	Utilizar para espetáculos conhecidos também em língua estrangeira ou para peças de figurino utilizados para uso em outros espetáculos.
Instituição depositária	850	Informar a instituição responsável pelo acervo de figurino.
Localização ou acesso eletrônico	856	Informações necessárias para dar acesso, por exemplo a imagens do figurino descrito.

Fonte: Elaborado pelo autor

O capítulo 10, referente a objetos tridimensionais e Realia, como o próprio título sugere, dita normas para a representação desse tipo de material que, diferente dos livros, são dotados de inúmeros detalhes, extremamente relevantes para a recuperação da informação. No que concerne a este quesito o AACR2 (2002, p. 278) afirma que “Quando apropriado, registre os materiais de que são feitos os objetos. Se os materiais não puderem ser mencionados sucintamente, omita-os ou especifique-os em notas”.

O AACR2 ainda recomenda que a fonte principal de informação para a catalogação de objetos tridimensionais seja o próprio objeto, onde devem ser observados todos os detalhes para o enriquecimento da descrição. Com isso, segundo o AACR 2 (2002, p.271).

A fonte principal de informação para os materiais abrangidos neste capítulo [capítulo 10] é o próprio objeto, juntamente com qualquer material textual e o contêiner, publicados pelo editor ou fabricante do item.

As figuras 2 a 10 mostram as fotos de peças selecionadas para se proceder a catalogação à luz da proposta desenvolvida nesse trabalho. São apresentadas tanto a catalogação na forma tradicional (em ficha), como na forma legível por computador, ou seja, eletrônica.

Figura 2 – Vestido *gigot*, 1895

Fonte: Acervo de figurino do Setor de Artes Cênicas do CAP/UFRJ

Figura 3 – Exemplo de catalogação tradicional

RJ
N935
A33.3

Novo, Maria de Fátima.

[Romeu e Julieta]

Vestido de Julieta / Maria de Fátima Novo. – Rio de Janeiro, 2006.

1 peça: azul marinho; 1,80 cm. (Romeu e Julieta ; traje 6)

Resumo: modelo de vestido da Idade Média, com mangas bufantes e adereços em dourado e prata sobrepostos no ombro e gola. Saia farta com cortes enfeitados com botões dourado.

1.Figurino feminino. 2.Vestido de época. I. Título. II. Título: [Romeu e Julieta]. III.Série.

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 4 – Exemplo de catalogação em catálogos eletrônicos

040 __|aCAP
 090 __|aRJ|bN935|cA33.3
 100 1_|aNovo, Maria de Fátima.
 243 10|a[Romeu e Julieta]
 245 10|aVestido de Julieta /|cMaria de Fatima Novo.
 260 __|aRio de janeiro,|c2006.
 300 __|c1 peça : azul marinho ; 1,80 cm.
 490 1_|aRomeu e julieta,|vtraje 6.
 520 __|aResumo: modelo de vestido da Idade Média, com mangas bufantes e adereços em dourado e prata sobrepostos no ombro e gola. Saia farta com cortes enfeitados com botões dourado.
 650 __|aVestido|xde epoca
 650 __|aFigurino|xfeminino
 856 __|fVestido Renascentista|uhttp://teatrocap.wixsite.com/artescenicas/product-page/72991ba5-c092-567f-6634-8de23829c5b5

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 5 – Vestido Camponesa (Traje)



Fonte: Callas, 2012, p. 110

Figura 6 - Exemplo de catalogação tradicional

BC	
B766	
A15.5	
	Bourbonnais,Ded.
	[O Barão da Cotia]: [vestido] / Ded Bourbonnais – Rio de janeiro, 1999.
	2 peças : rosa e branco ; 1,70cm. (O Barão da Cotia ; traje 20).
	 Resumo: vestido jardineira de camponesa em cetim cor de rosa sem manga, aplicadas no busto flores em tecido, em várias cores, usado por cima de vestido branco com manga curta bufante.
	Figurino destinado ao público infantil.
	1.Figurino feminino. 2. Vestido de camponesa. I. Título. II.Série.

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 7 – Exemplo de representação do traje

040	__ aCAP
090	__ bB766b cA15.5
100	1_ aBourbonnais,Ded.
245	10 a[O Barao da Cotia] : b[vestido] / cDed Bourbonnais.
260	__ aRio de janeiro, c1999.
300	__ c1 peça: rosa e branco: 1,70cm
490	1_ aBarão de cotia, vtraje 20
520	__ aResumo: vestido jardineira de camponesa em cetim cor de rosa sem manga, aplicadas no busto flores em tecido, em várias cores, usado por cima de vestido branco com manga curta bufante.
521	__ aFigurino destinado ao publico infantil
650	__ aFigurino xfeminino
650	__ aVestido xde camponesa
856	__ fTraje feminino uhttp://teatrocap.wixsite.com/artescenicas/figurino-infantil-barao-de-cotia

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 8 – Vestido de prenda



Fonte: Acervo de figurino do Setor de Artes Cênicas do CAP/UFRJ

Figura 9 - Exemplo de catalogação tradicional

MB	
P178	
A14.8	
	Pinheiro, Andrea
	[Madame Bovary]
	Vestido de Emma / Andrea Pinheiro – Rio de Janeiro, 1998.
	1 peça : cereja : 1,90cm. (Madame Bovary ; traje 88).
	 Espetáculo baseado no romance de Gustave Flaubert, publicado em 1857 e de mesmo nome.
	Resumo: Vestido feminino longo, em tonalidade cereja, saia farta, manga longa em sino, bordado em branco na parte frontal ao longo do vestido, na gola e nas mangas.
	 1. Figurino de época. 2. Vestido feminino. I. Título. Título: [Madame Bovary]. III. Série.

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 10 – Exemplo de representação do traje

040	__ aCAP
090	__ aMB bP178 cA33.8
100	1_ aPinheiro, Andrea.
243	10 a[Madame Bovary]
245	10 aVestido de Emma / cAndrea Pinheiro.
260	__ aRio de Janeiro, c1998.
300	__ c1 peça : cereja : 1,90cm.
490	1_ aMadame Bovary, vtraje 88
504	__ aEspetáculo baseado no romance de Gustave Flaubert, publicado em 1857 e de mesmo nome.
520	__ aResumo: Modelo feminino em tonalidade cereja, com pregas e aplique branco bordado da parte frontal e ao longo do vestido
650	__ aFigurino xde época
650	__ aVestido xfeminino
700	1_ aPinheiro, Andrea.
856	__ uhttp://teatrocap.wixsite.com/artescenicasmadame-bovary-emma

Fonte: Elaborado pelo autor

4.2 PROPOSTA DE REPRESENTAÇÃO TEMÁTICA

Nessa seção, apresentam-se os resultados obtidos pela aplicação da metodologia mencionada, no que tange ao desenvolvimento do glossário e da terminologia.

O emprego do software *RW* no *corpus* resultou na figura 11, referente ao extrato de termos de sua aplicação.

Figura 11 – Resultado de extrato da aplicação *RankWords*

Word	Frequency	Rank
de	1704	1
e	722	2
do	716	3
a	677	4
O	612	5
que	487	6
da	427	7
em	411	8
Trajes	293	9
para	288	10
um	283	11
Teatro	260	12
no	216	13
São	208	14
por	206	15
Os	198	16
uma	194	17
se	192	18
dos	175	19
com	163	20
como	158	21

Fonte: *print* da tela do software *RankWords*

O emprego do software apresentou o seguinte resultado:

- Total de palavras no *corpus* - 46.344;
- Total de palavras com conteúdo semântico – 181 que representam 0,3% do total de palavras.

Com base no processamento da amostra e identificação de termos relevantes para a área de figurino teatral, foi desenvolvido um glossário como um sistema de organização do conhecimento, no campo semântico em análise, apresentado a seguir.

Reitera-se que o glossário obedeceu a critérios estabelecidos para a garantia literária de SOC. As referências dos documentos consultados para a conceitualização dos termos é mencionada na metodologia.

4.2.1 Glossário de figurino teatral

A

Acervo – reunião de itens que compõem o patrimônio físico de uma organização.

Acessório – itens que complementam os trajes femininos e masculinos. São eles: bijuterias, bolsas, cintos, relógios, lenços etc.

Adereços - objetos do cenário (adereços de cena), como quadros, tapetes, estátuas, cortinas, abajures etc, ou objetos utilizados pelo ator na representação do seu papel (adereços de representação), como óculos, bengala, jornal, livro etc.

Agasalho - conjunto de blusa de mangas compridas e calças para prática de esportes, confeccionado em moletom, náilon, helanca.

Alças - parte da roupa, lingerie e biquínis, que serve para sustentar os seios e não deixar a roupa cair. Também, usada em bolsas e acessórios.

Algodão - fibra ou tecido natural de origem vegetal procedente do algodoeiro, que apresenta bastante maciez, conforto e capacidade de absorção de umidade.

Ver também: Tecido

Arara: estrutura feita em madeira ou metal, onde se colocam os cabides com os figurinos do espetáculo. Geralmente, é feita com dois pés laterais ligados, no alto, por um cano ou peça roliça de madeira; alguns se movem sobre rodas.

Armadura - vestimenta utilizada para proteção pessoal, originalmente de metal.

Ator - intérprete de um papel teatral. O que interpreta um personagem.

Aviamento - elementos utilizados na confecção de uma roupa, ficando nela permanentemente. Os aviamentos podem ser: apliques metálicos, entretelas, fitas, botões, linhas, determinadas etiquetas, viés, galões, zíperes.

B

Babado - tira de tecido franzida ou pregueada, costurada sobre uma peça de roupa.

Bainha - dobra com costura na extremidade de um tecido ou qualquer peça do vestuário.

Balonné - saia que parece um balão, com a bainha virada para dentro bem franzida, presa a uma base interna, por um artifício de costura que garante a forma.

Beca - traje especial para formaturas e magistratura, como advogados e juízes em plenários e fóruns. A beca é preta, de cetim, com gola estilo jabô, em renda branca, como um avental colocado por cima da roupa, com faixa na cintura. As becas de formatura são usadas com os chapéus (chapéus de quatro pontas), capa e gola. O comprimento da beca é medido a partir da gola até o ponto médio dos tornozelos e as mangas alcançam o ponto médio dos dedos.

Bijuteria – acessório ou joia feita de ligas metálicas, semelhantes a ouro ou prata, assim como pedras semipreciosas.

Blazer - o blazer é um paletó esportivo.

Ver também: Paletó

Blusa - peça para a parte de cima do corpo, originalmente solta, confeccionada em algodão linho ou cambraia, com mangas curtas ou compridas.

Bolero - casaquinho aberto, com ou sem mangas, que vai até quase a altura da cintura.

Bolsa – acessório usado para transportar objetos pessoais.

Bolsa *baguette* - acessório usado para transportar objetos pessoais, de formato retangular e fechada por uma grande fivela.

Bolsa carteira - acessório usado para transportar objetos pessoais, sem alças, usada desde o início do século XX em diversos formatos e tamanhos, com bordados, plumas, cristais etc.

Bombacha - calça tradicional da indumentária masculina gaúcha, muito larga, com a barra presa no tornozelo por dois botões. A lateral pode ser lisa ou ter pontos favos.

Bordado - trabalho feito em uma peça ou tecido, com máquinas ou manualmente, formando desenhos e padronagens. Os bordados manuais são pontos decorativos feitos com agulhas, que podem ter a ajuda de um bastidor.

Bota – calçado feito para épocas mais frias, idealizado, inicialmente, para cobrir os tornozelos.

Brim cru - tecido de algodão resistente, com ligamento de sarja no avesso e que não sofreu nenhum tipo de tingimento.

Ver também: Tecido

Brinco – acessório que ornamenta as orelhas.

Ver também: Bijuteria

C

Cabideiro –

Ver: Arara

Cachecol - acessório feito de tecido pesado, como lã, linha de tricô ou crochê, muito usado para aquecer o pescoço, principalmente, no inverno, mas também é usado para compor um estilo.

Caimento - grau maior ou menor de flexibilidade ou consistência que o tecido, ou a peça confeccionada, ou parte dela, apresenta.

Calça - peça que cobre o corpo da cintura até o tornozelo, com duas partes que envolvem as pernas separadamente.

Calça Alfaiataria - calça sofisticada, com modelagem exata, cintura marcada e pernas mais amplas. Pode ter variações no modelo, bolsos e cintura, mas segue elegante.

Calça boca de sino - copiado dos marinheiros, que usavam calças cortadas, tradicionalmente, em forma de sino, desde o joelho até o tornozelo. Modelo consagrado nos anos 70, justo até a coxa e que se abre um pouco acima do joelho. Geralmente a abertura é exagerada.

Calça culote - peça masculina de origem francesa, usada pela nobreza europeia. Na montaria, a calça culote faz parte do uniforme esportivo, é larga no quadril e afunilada a partir do joelho

Calça jeans - nome dado à peça finalizada feita de brim, com lavagem, botões, zíper, beneficiamento etc.

Calça pantalon - calça sofisticada com as pernas mais amplas, que se abrem a partir do quadril.

Calça Saint-tropez - calça popular, na década de 60 e 70, com a cintura extremamente baixa e boca larga.

Calça skinny - calça justa dos quadris até o tornozelo, geralmente feita em jeans.

Calçado – objeto de sola dura, que cobre o pé parcial ou inteiramente.

Camafeu - pedra dura (ágata, ônix, sardônica) que é cortada formando um desenho em relevo. Tipo de joia presos às blusas e aos vestidos usados em uma fita em volta do pescoço.

Camareira - dá assistência a atores no camarim e encarrega-se do vestuário dos personagens que eles irão representar. Mantém o camarim limpo, as roupas limpas e bem condicionadas,

Cambráia - tecido fino e macio, de algodão ou linho, com acabamento lustroso em um dos lados.

Camisa - peça que cobre o tronco, com mangas e abotoamento frontal. Existem vários tipos de camisas, com variação de modelagem e tecidos. Algumas não se abrem totalmente na frente. As camisas clássicas têm manga comprida com colarinho e punho.

Camurça - tecido aveludado de lã feltrada, imitando pelo de camurça, aplicado em roupa de inverno.

Ver também: Tecido

Caracterização – ato de compor o personagem por meio de vestimentas, maquiagem e acessórios.

Cardigan - casaco militar tricotado com lã penteada, com debrun de pele ou galões, sendo produzido com abotoamento central e decote em V e mangas compridas.

Cartela de cores - espécie de mostruário contendo pequenos pedaços de tecido com variadas cores, da estação ou da coleção.

Casaco - peça que cobre o tronco, na maioria das vezes com fechamento frontal e mangas compridas, com muitas variações de modelos e comprimentos.

Cena - a menor divisão de uma peça teatral, na dramaturgia clássica; a cena passa a ser outra toda vez que entra ou sai um personagem.

Cenário - conjunto de elementos plásticos que decoram e delimitam o espaço cênico.

Cenografia – arte e técnica de criar, projetar e dirigir a execução de cenários para espetáculos. O termo aplica-se também ao conjunto dos elementos (cortinas, bastidores, mobiliário etc.) que representam o espaço imaginado para a ação do drama.

Cetim - tecido fabricado a partir do uso de diversas fibras: algodão, seda, sintéticas e artificiais, que formam uma superfície absolutamente lisa e brilhante, a partir de flutuações dos fios de urdume.

Ver também: Tecido

Chapéu - acessório que tem a principal função de proteger a cabeça e, depois, enfeitar.

Chiffon - tecido plano, transparente, feito com filamentos de seda ou de raíom.

Ver também: Tecido

Cigarrete - modelo de calça justa e estreita caracterizado pelo efeito afunilador que chega até o ossinho do tornozelo, conhecida por ser justa e estreita.

Colar – bijuteria ou jóia que ornamenta o pescoço.

Colarinho - gola de tecido de camisas que é reforçada com entretela. Ver também: gola

Colarinho americano: gola de tecido de camisas com botões aparentes, dá uma ideia bem informal. Normalmente vêm em tecidos moles e fáceis de amassar e em camisas de manga curta.

Colarinho francês: gola de tecido de camisas, que representa o equilíbrio entre os estilos italianos e os ingleses.

Colarinho inglês: gola de tecido de camisas bicudas e pontudas. São ideais para usar sem gravata. Com gravata, use nós finos e compridos, para dar a sensação de pescoço “alongado”.

Colarinho italiano: gola de tecido de camisas que voltou à moda e às passarelas, são ideais para pescoços e nós de gravatas mais largos.

Colarinho quebrado: gola de tecido de camisas, normalmente, chiques com tecidos finos, que é ideal para usar com gravata borboleta num evento formal e tem as pontas dobradas.

Coleção - grupo de criações feitas por fabricantes ou estilistas para um espetáculo específico.

Colete - peça de roupa, sem mangas ou gola, tanto masculina quanto feminina, que cobre somente o tórax e o abdome.

Composição – associação da vestimenta com adereções e acessórios.

Confecção -. setor responsável pela elaboração e criação dos trajés de cena (figurino).

Corset - peças muito estruturadas, construídas com tecidos resistentes, com várias camadas, amarrados nas costas e com barbatanas rígidas na vertical (de aço ou alumínio). Também denominada espartilho.

Corte - ação de cortar um tecido seguindo, com precisão, os riscos feitos, utilizando a máquina de corte adequada ao tecido.

Cóss - tira de tecido que circunda certas peças de vestuário, particularmente calças e saias, na altura da cintura.

Costume –

Ver Figurino

Coturno - sapato no estilo de uma bota de cano curto ou longo, fechado com cordão ou zíper.

Crepe - tecido leve caracterizado pela superfície frisada, obtida pelo uso de fios de alta torção, processos químicos e gravação.

Croche - espécie de artesanato feito com uma agulha especial que possui um gancho e que produz um trançado semelhante ao da malha ou da renda.

Croqui – desenho que tem por finalidade esboçar a imagem de uma vestimenta a ser confeccionada.

D

Decote – abertura na altura do pescoço para dar entrada à cabeça, ao vestir.

E

Elenco - equipe de atores em uma representação teatral.

Espetáculo - encenação ou representação de uma peça no teatro para uma plateia.

Ver também: Representação teatral.

Espectador – indivíduo que assiste à encenação teatral.

Estilista - profissional que define o conceito de uma coleção, os materiais que serão utilizados, as cores.

Ver também: Figurinista

F

Fantasia

Ver Figurino regional.

Figurinista – pessoa responsável pela criação, orientação e acompanhamento da feitura dos trajes para um espetáculo teatral. Deve possuir conhecimentos básicos de desenho, moda, estilo e costura.

Ver também: Estilista

Figurino - vestimenta utilizada pelos atores para caracterização de seus personagens de acordo com sua natureza, e identifica, geralmente, a época e o local da ação.

Figurino alegórico – vestimenta que tem como principais características o excesso e a subjetividade.

Figurino de época – vestimenta que se mantém fiel a determinado período histórico.

Figurino feminino – vestimenta feita para o gênero feminino (mulheres)

Figurino folclórico –

Ver Figurino regional.

Figurino histórico –

Ver Figurino de época.

Figurino infantil – vestimenta para crianças

Figurino masculino - vestimenta feita para o gênero masculino (homens)

Figurino realista – vestimenta que se aproxima ao máximo da realidade.

Figurino reciclado – vestimenta feita a partir da reutilização de materiais.

Figurino regional – vestimenta característica de determinada cultura, região ou país.

Figurino simbólico –

Ver Figurino alegórico.

Figurino unissex – vestimenta feita para ambos dos sexos.

Fivela - peças metálicas que podem ser decorativas ou funcionais. No caso dos cintos, servem como fecho. Em bolsas, alças e suspensórios servem para regular altura e tamanho.

Flanela - tecido suave com felpa delicada, feito de lã, algodão, fibras artificiais e sintéticas, simples ou mesclado que possui aspecto aveludado obtido através do processo de acabamento.

Ver também: Tecido.

G

Gibão - espécie de camisa acolchoada fechada por abotoaduras (com ou sem mangas), ajustada para salientar o peito e moldar a cintura.

Gola - parte da roupa com abertura para passar a cabeça, contorna o pescoço.

Gola assimétrica - gola que tem os dois lados diferentes, não tem a mesma proporção.

Gola cacharel

Ver: Gola rolê.

Gola capuz - gola que tem um pedaço de tecido preso ao decote, formando um drapeado, de maneira que o drapejado caia em dobras macias em volta do pescoço e sobre o peito.

Gola careca - gola que faz o contorno rente ao pescoço. Em camisetas tem acabamento de ribana ou viés.

Gola Chanel - gola com tiras alongadas, que arrematam um laço na frente, evidenciada por Coco Chanel, em camisas de seda.

Gola degagé - gola cortada enviesada com reta, que cai na frente e deixa um ombro ou parte do colo à mostra.

Gola Dior - gola em formato canoa com a sobreposição de tecido que cai sobre os ombros.

Gola escafandro - gola em formato anelar e fechada, que circula o pescoço, levemente levantada.

Gola Foulard

Ver: Gola Chanel.

Gola gravata

Ver: Gola Chanel.

Gola italiana - gola de colarinho mais amplo, para ser usada com gravatas mais grossas e nós mais volumosos, já que a gola é menor e curta.

Gola italianinha

Ver: Gola portuguesa

Gola laço

Ver: Gola Chanel.

Gola mandarim - gola dupla, alta e abotoada nas laterais, com estilo oriental.

Gola Mao - gola dobrada, de pontas arredondadas, que era usada no uniforme do líder chinês Mao Tsé-Tung (1893-1976).

Gola marinheiro - gola usada na Marinha de muitos países, feita de tecido pesado e tem duas camadas unidas, cortadas como um quadrado caído na parte posterior. Na frente, o decote V termina com ou laço ou gravata.

Gola Medicis - gola de renda engomada e grande, muitas vezes estruturada com suportes, para passar uma imagem de poder.

Gola Nehru

Ver: Gola Mao

Gola olímpica - gola alta que envolve todo o pescoço, que pode ou não ser dobrada.

Gola padre

Ver: Gola Mao.

Gola Peter Pan - gola chata e redonda, com 7,5 cm de largura e engomada. Faz alusão à silhueta de menino da época. Roupas de bebês, feitas em cambraia também têm essa gola

Gola Pierrot - gola grande e engomada, franzida e baseada no personagem Pierrot, da comédia francesa.

Gola Polo - gola molinha, alta e circular, dobrada para baixo ao redor do pescoço, usada em modalidades esportivas, na camisa do uniforme.

Gola portuguesa - gola redonda com corte vertical curto, com fechamento de 2 a 4 botões. Também é chamada de gola italianinha.

Gola Prussiana - gola alta, dobrada para baixo, que inicialmente era usada em sobretudos dos oficiais militares prussianos

Gola Rolê - gola alta e justa em malha ou tricô, muito usada na década de 60.

Gola U - gola aprofundada, no formato da letra U, aparecendo em casaquinhos de costumes.

Gola V - gola em formato de letra V, cavada no peito e que pode ter ribanas no acabamento.

Gola Vandyke - gola ampla e branca, feita com rufos engomados e adornada com renda dentada, que caia sobre os ombros.

Gola xale - gola que tem o corte arredondando e inteiriça, formando uma linha contínua que circunda o pescoço até a frente, usada em robes e no paletó de smoking.

H

Helanca - tecido elástico produzido com fio de poliamida texturizado por falsa torção geralmente colocado na trama, que dá elasticidade na lateral do tecido.

Ver também: Tecido

I

Iluminação - conjunto de equipamentos e técnicas para iluminação fixa e móvel do palco.

Indumentária

Ver Figurino.

Interpretação - ação de dar vida e sentido ao personagem de um drama.

Intérprete

Ver: Ator.

J

Jeans - tecido com aspecto de algodão fabricado com fios tintos no urdume e fios brancos na trama.

Ver também: Tecido.

L

Lã - fibra natural animal ou tecido obtido do pelo do carneiro que apresenta superfície escamosa, elasticidade e resistência longitudinal maior que outras fibras naturais.

Lapela - parte superior da frente de uma jaqueta ou blusa, que desce dobrada desde a nuca.

Luvax – acessório utilizada para proteger ou cobrir as mãos.

M

Malha - tecido feito do entrelaçamento de um fio consigo mesmo e ou com outros conjuntos de fios.

Ver também: Tecido.

Manga - parte da roupa que cobre os braços, do ombro em diante, podendo chegar até as mãos. As mangas apresentam vários tamanhos e modelagens.

Mantilha – lenço colocado sobre os ombros para cobrir o busto e a cabeça. Simboliza a pureza e modéstia.

Margem de costura - espaço acrescentado em volta do molde, posteriormente utilizado para a união de duas ou mais partes de tecido; varia de acordo com o tecido e bitolas das máquinas.

Meia-calça – malha fina usada como acessório para as pernas.

Moda – uso, costume ou hábito que está em voga numa determinada região, durante um certo período. Trata-se de uma tendência adepta por uma grande parte da sociedade, geralmente associada ao vestuário.

Modelagem - operação de modelar, representar por meio de modelo ou molde.

Modelista - profissional que interpreta o conceito e o desenho do estilista e desenvolve um modelo real, além de acompanhar a confecção da primeira peça, realizando a prova e avaliando se o tecido teve o caimento previsto.

Objetos – qualquer elemento inanimado que faça parte e tenha significado para a cena.

O

Ombreira - espuma pré-moldada que é colocada no ombro, preso à roupa para dar melhor forma. Teve sua fase popular nos anos 80, com blusas (como blazer e jaquetas) extremamente exageradas.

Organza - tecido em ligamento-tela, normalmente alvejado, de fibras brilhantes e lisas, leve e poroso, mas quase sempre endurecido pelo alto nível de tensão do fio e pelo acabamento empapelado.

Ver também: Tecido

P

Paetê - adereço para bordado em formato redondo, com ou sem furinho no meio utilizado para compor um tecido ou detalhe em roupas, sapatos e acessórios

Palco - estrutura sobre a qual são conduzidas as representações teatrais em uma casa de espetáculos.

Paletó - tem modelagem de alfaiataria, que pode ter bolsos externos. O comprimento é na altura dos quadris. A diferença é que o paletó faz parte do conjunto do terno, junto com a calça e o colete do mesmo tecido.

Ver também: Blazer

Patchwork - justaposição, através da costura, de pedaços de tecido em cores e estampas diversas, obtendo-se assim um trabalho artesanal do tipo “colchas de retalhos”.

Peça de figurino – unidade de uma vestimenta

Performance – interpretação que o ator dá ao personagem.

Ver também: Representação teatral

Personagem - indivíduo imaginário que tem um papel na história criada pelo dramaturgo, e que o ator representa na execução do drama.

Peruca – cabelos postiços feitos, originalmente, com crina de cavalo e de bode

Plateia - parte baixa do teatro, entre o palco e os camarotes, com as poltronas numeradas destinadas ao público. Distingue-se, portanto, das frisas, camarotes, galerias que têm critérios próprios para numeração e identificação de lugares.

Prega - parte do tecido ou outro material propositalmente dobrado sobre si mesmo, e que serve para dar maior folga ao tecido ou para ornamentá-lo.

Público - são os frequentadores que assistem a um espetáculo ou exibição teatral.

R

Representação teatral - indica a ideia de uma ação realizada ao próprio ato de sua apresentação. Ação de simular outra pessoa quanto às suas ações e a todos os aspectos de sua personalidade, no modo como ela é descrita como um personagem do drama.

Ver também: Espetáculo

Risca de giz - tecido que possui listras finas, usado em ternos e alfaiataria. Há um contraste entre as linhas claras e o tecido escuro. O intervalo entre as linhas é regular, vai de alguns milímetros até dois centímetros, no máximo.

Roupas

Ver: figurino.

S

Saia - vestimenta que cobre as pernas, da cintura até embaixo, com diversos comprimentos, onde não há divisão entre as pernas.

Seda – tecido fibroso do qual é composto o casulo que cobre o bicho-da-seda, valiosa por sua utilização em tecidos de alta qualidade e em outros produtos

têxteis. Muito macia, leve e confortável; não provoca irritações na pele; baixa resistência; desbota quando exposta ao sol e à transpiração; não resiste a produtos químicos; atacada por traças e insetos; exige muitos cuidados na lavagem e tratamento.

Ver também: Tecido

Sobrecasaca - casaco longo de mangas compridas, que chegava aos joelhos, bipartido atrás, com gola e lapela larga, abotoamento e fendas nas costas.

T

Teatro (gênero literário) - arte da representação de uma história escrita para ser declamada por meio da voz e expressão corporal e que as diversas categorias dão origem aos gêneros teatrais.

Tecido – superfície plana formada por um conjunto de fios entrelaçados em trama.

Ver também: Algodão; Brim cru; Camurça; Cetim; Chiffon; Crepe; Flanela; Helanca; Jeans; Malha; Organza; Seda; Tricoline; Tule; Veludo.

Terno - do Latim ternus, “o que é formado por três partes”. O terno é formado pela calça, pelo paletó e um colete.

Textura - o aspecto de uma superfície.

Trajes –

Ver: Figurino.

Tricoline - tecido de construção de tela com a leveza e a resistência do algodão penteado mercerizado, podendo ser liso, estampado ou xadrez.

Ver também: Tecido

Tule - tecido tipo renda composto de um urdume e duas tramas enviesadas, cruzando da direita para esquerda e vice-versa. É semelhante ao filó de algodão ou poliamida com malha redonda ou poligonal, produzindo um tecido leve, armado e transparente.

Ver também: Tecido

U

Urdume – conjunto dos fios dispostos no tear paralelamente ao seu comprimento, e por entre os quais passam os fios da trama.

V

Veludo - tecido constituído de três conjuntos de fios, além da trama e do urdume, um conjunto extra de fios é empregado para os pelos, que cortados de maneira uniforme e rente à superfície, formam um aspecto característico aveludado.

Ver também: Tecido

Véu – tecido transparente de renda, de seda, etc., com que as senhoras cobrem o rosto, cabelos.

Ver também: Mantilha

Vestido - peça de vestuário destinada ao público feminino, de comprimento variável, que serve para cobrir o corpo.

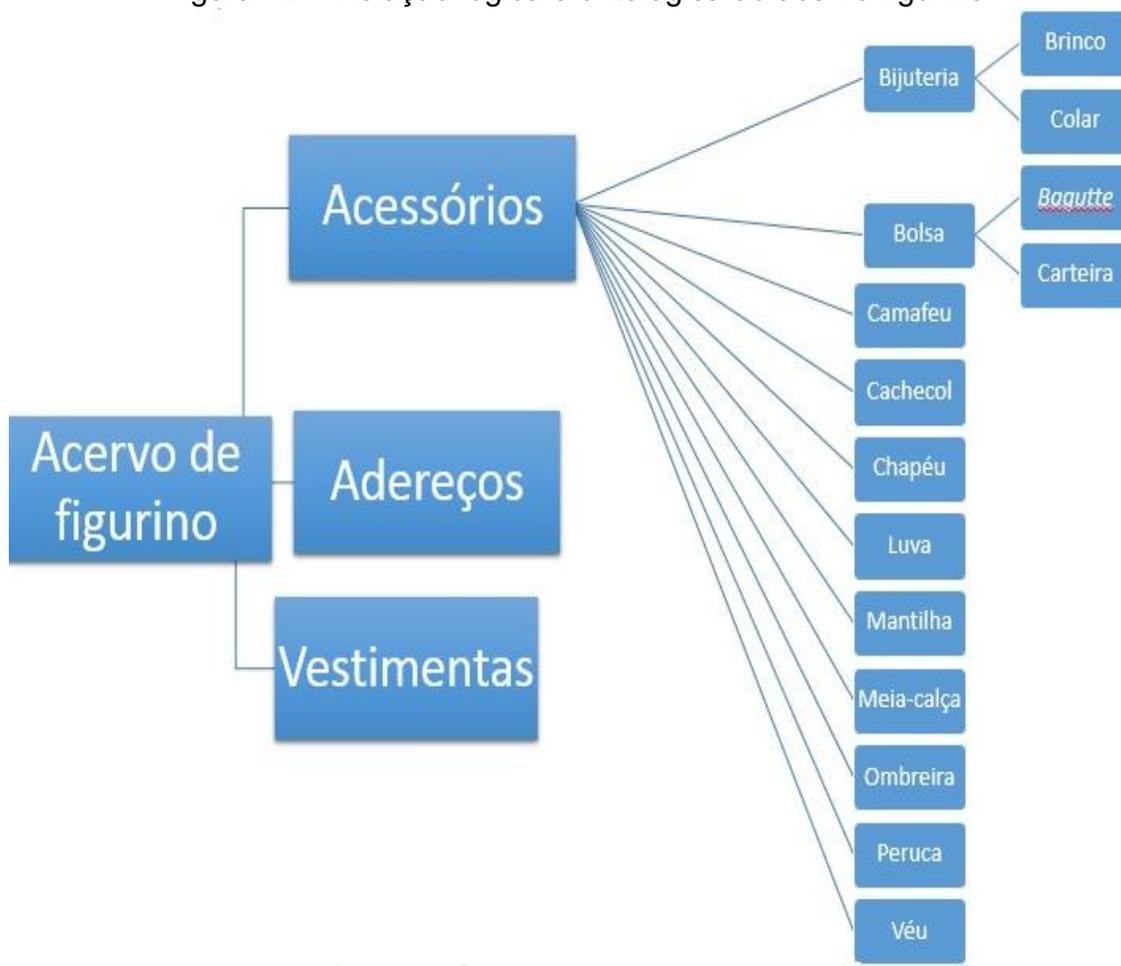
4.2.2 Taxonomia

Após extrair os termos e conceitos para composição do glossário, elaborou-se uma taxonomia, como um Sistema de Organização do Conhecimento sobre o tema em análise, que tem por finalidade demonstrar visualmente as relações hierárquicas, lógicas e ontológicas, no campo semântico da área de figurinos teatrais. Para Cunha (2008, p.354) pode-se definir taxonomia como:

Um vocabulário controlado de uma determinada área do conhecimento, e, acima de tudo, um instrumento ou elemento de estrutura que permite alocar, recuperar e comunicar informações dentro de um sistema sob uma premissa lógica

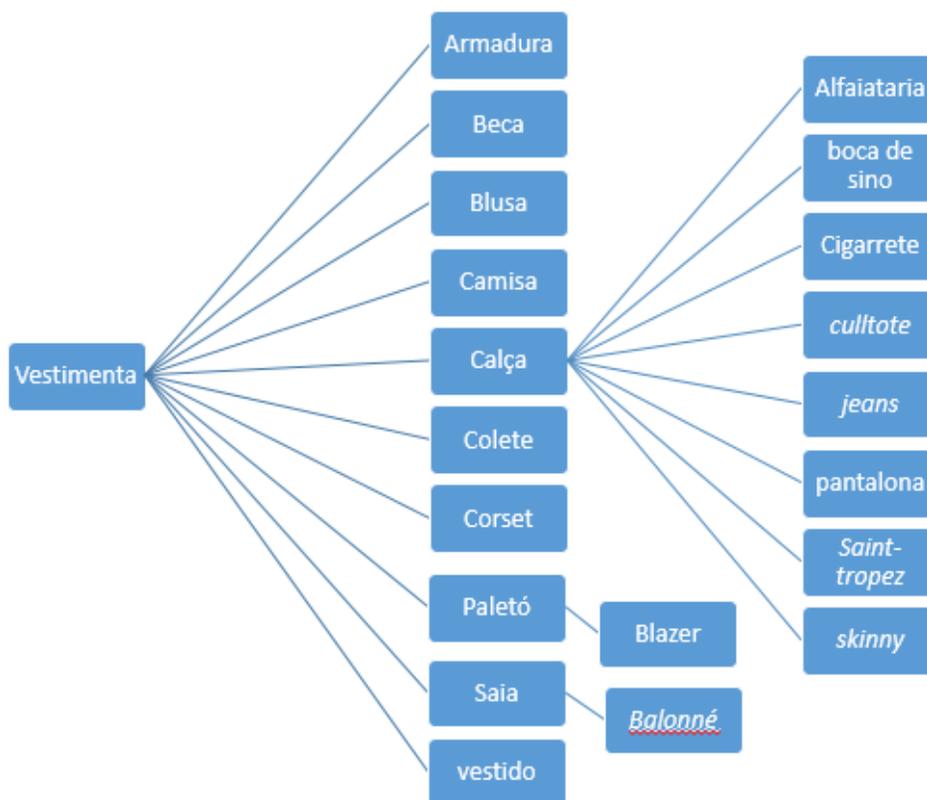
Campos e Gomes (2007) compreendem que a taxonomia “ em sistemas de informação[...] permite que se estabeleçam padrões de alto nível para a ordenação e classificação de informação”. Segue a representação gráfica das relações semânticas lógicas e ontológicas do acervo de figurinos teatrais, seguidas das relações ontológicas. As figuras 12 a 19 evidenciam essas relações.

Figura 12 – Relação lógica e ontológica do acervo figurino



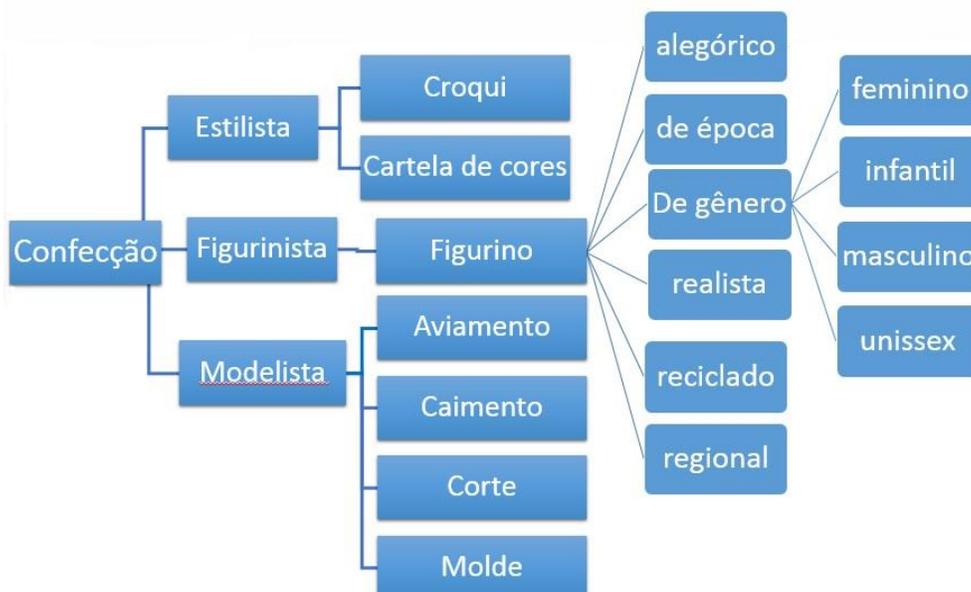
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 13 – Relação ontológica de Vestimentas



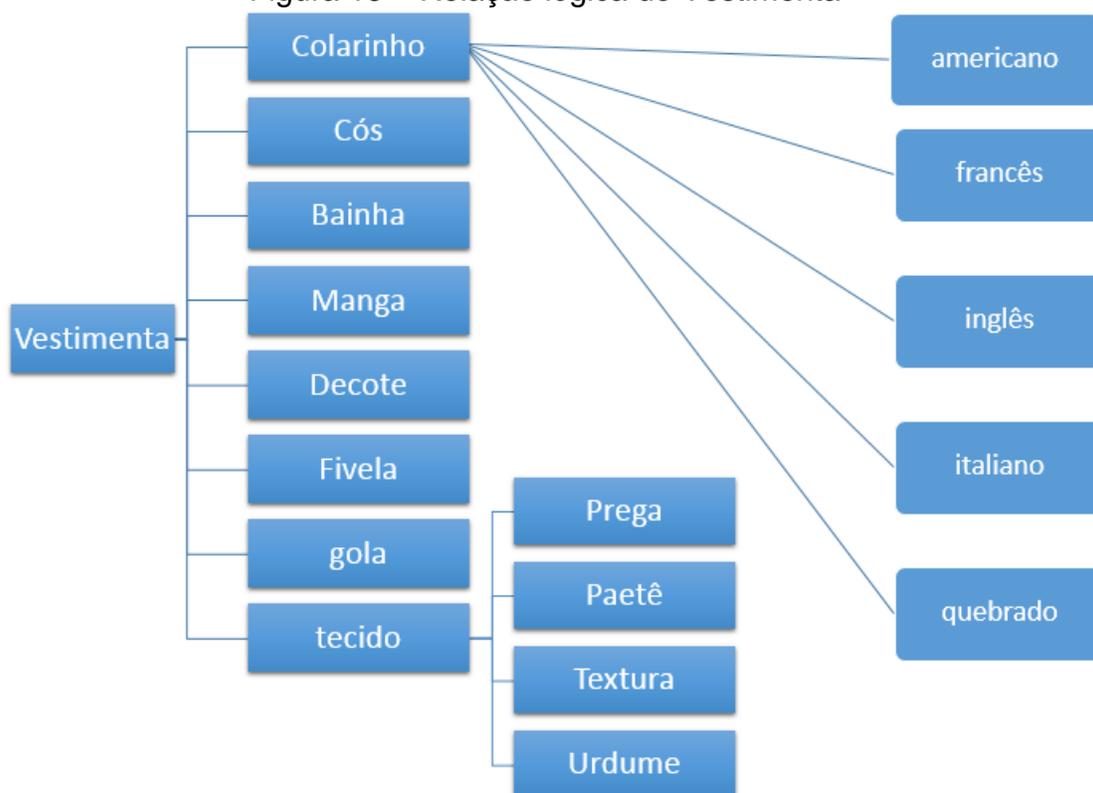
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 14 - Relação lógica e ontológica do setor de confecção



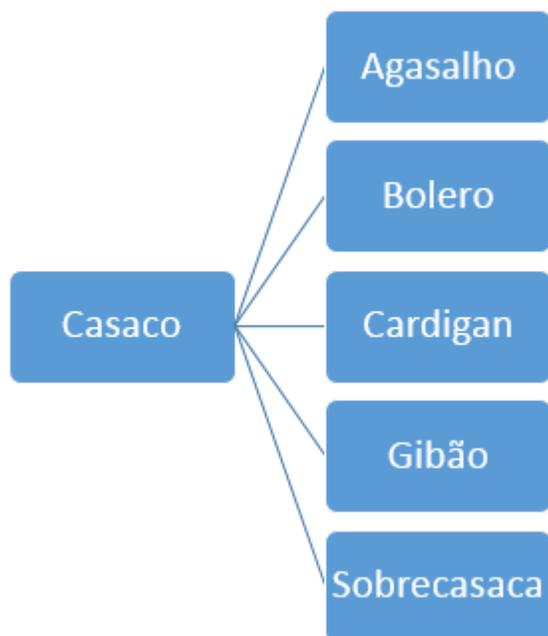
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 15 – Relação lógica de Vestimenta



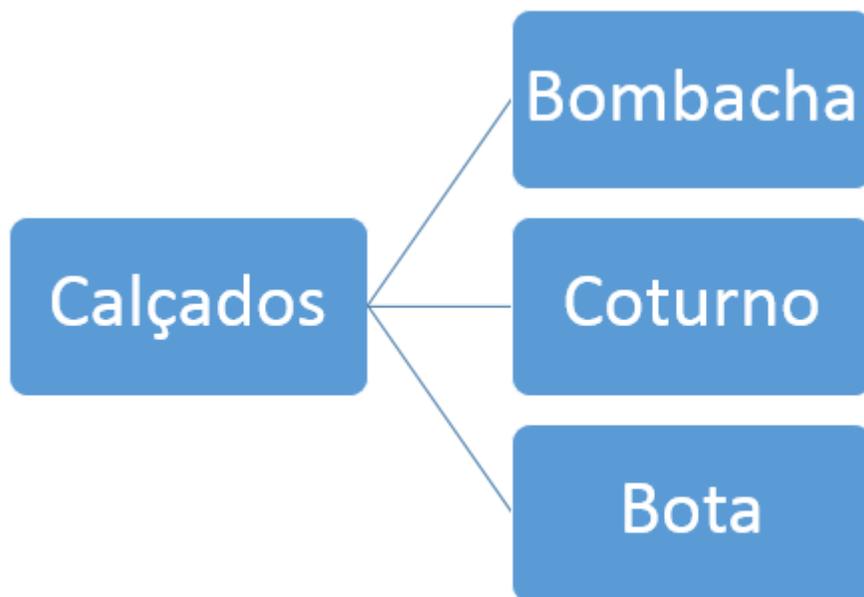
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 16 – Relação ontológica de casaco



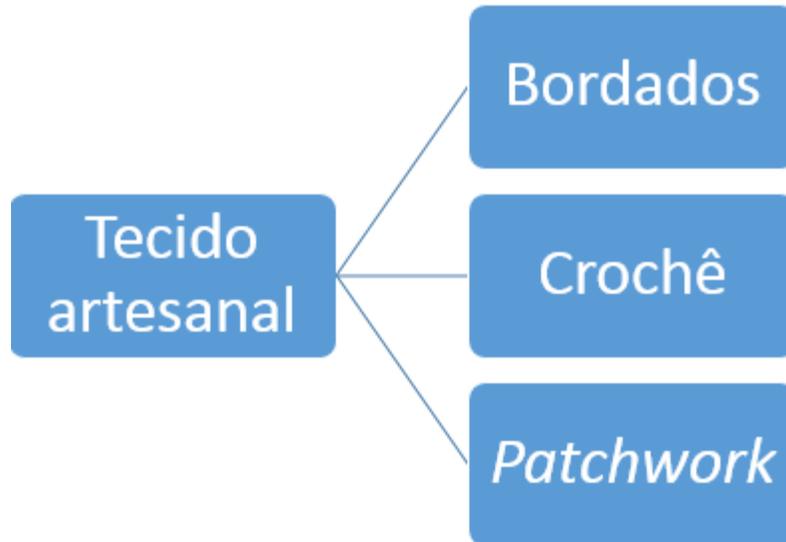
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 17 - Relação ontológica de calçado



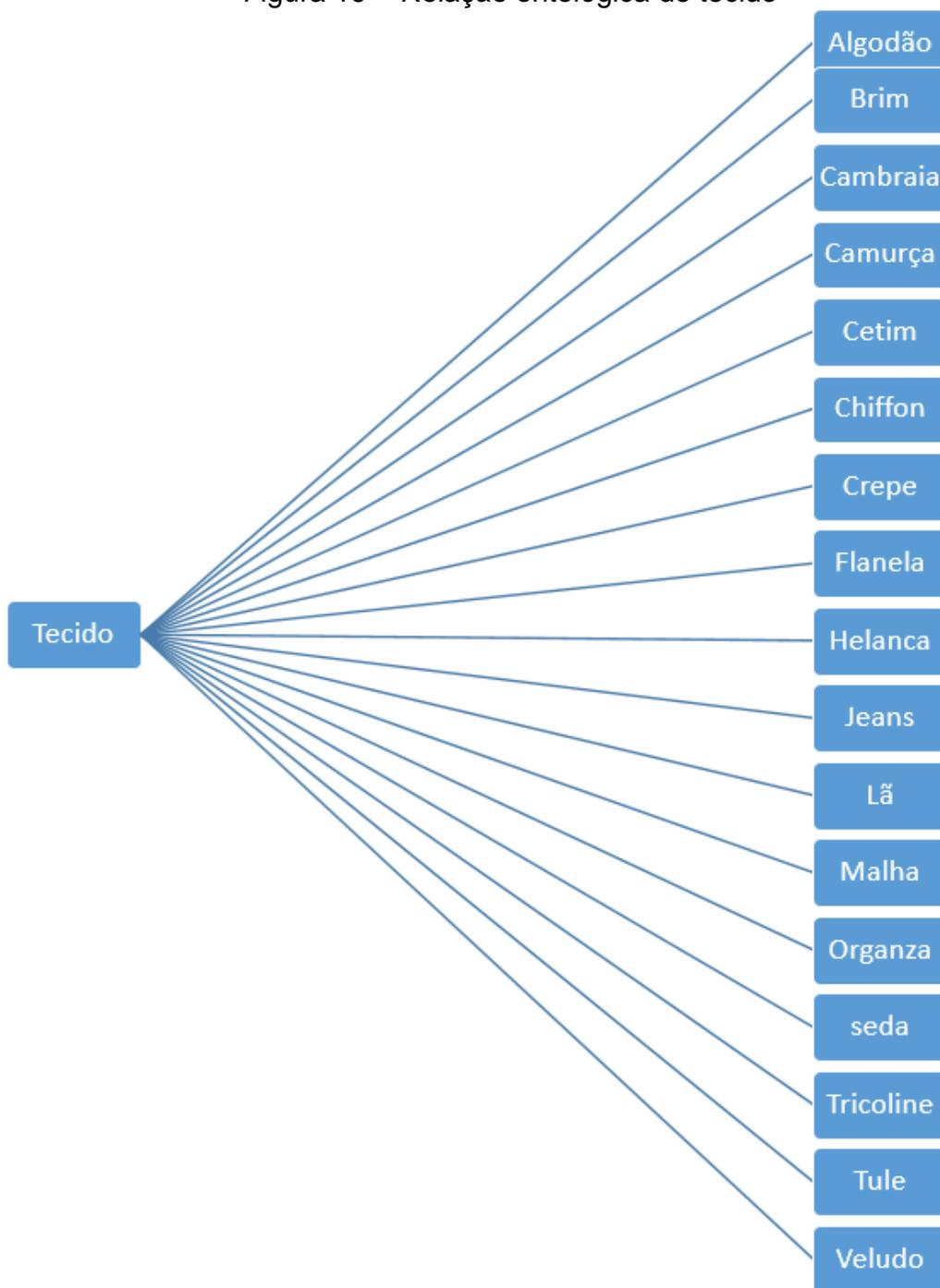
Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 18 - Relação ontológica de tecido artesanal



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 19 – Relação ontológica de tecido



Fonte: Elaborado pelo autor

Na seção 5 são apresentadas as considerações finais quanto as contribuições realizadas no presente trabalho para o acervo de figurino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho buscou elaborar e definir uma proposta de representação descritiva e temática para o acervo de figurino teatral, com base em padrões internacionais consagrados na literatura, visando à disponibilização desse acervo em um SRI, para propiciar e otimizar sua recuperação e uso.

Quanto à representação descritiva, notou-se que apesar dos padrões existentes contemplarem, de um modo geral, os objetos tridimensionais, no qual o figurino se enquadra, são bastante escassos, sobretudo, no que tange as diversas especificidades de cada elemento que compõe a ampla gama de objetos em 3D.

Acrescenta-se também, o fato da inexistência de trabalhos sobre representação de figurinos na área de Biblioteconomia. Os que existem, e nos quais esse TCC se baseou para selecionar itens a serem descritos, são de autoria de profissionais de outras áreas, entendendo-se que a recuperação das peças descritas, à luz desses trabalhos, terá sua recuperação e uso prejudicados.

Assim, nota-se que os itens que compõem o acervo de figurino são extremamente minuciosos e não estão contemplados, e nem deveriam estar, no capítulo 10 do AACR2 e no MARC21, daí as adaptações que foram propostas para sua descrição minuciosa. Para tal, tem que se ter em mente que todo traje é idealizado de acordo com uma série de fatores que caracterizam o personagem de cada espetáculo, tais como: região, clima, cultura, historicidade, idade e características psicológicas. E também, que o figurino, apesar de ser elaborado para uma determinada época da História, pode ser remanejado para outros espetáculos encenados em épocas diferentes, configurando-se como vestimenta de reuso.

Procurou-se categorizar o figurino como documento, de acordo com os teóricos da área, e assim, evidenciar a importância da prática de representação descritiva e temática desse tipo de material. Na literatura sobre teatro, o figurino também é considerado documento e autores justificam esse fato, baseando-se

no argumento de que o figurino, tal qual como o ator, são itens indispensáveis para o desenrolar do espetáculo teatral.

Sendo assim, na representação descritiva do acervo de figurino, o principal desafio esteve pautado em adaptar as normas biblioteconômicas, muito utilizadas para livros e outros documentos em papel ou virtual, de modo a utilizar metadados existentes que abarcassem a especificidade que o material exige.

Para a representação temática acredita-se que o desenvolvimento da proposta de glossário e de terminologia de figurino teatral contribuiu substancialmente, tanto no que tange aos campos de assunto da catalogação, como também, no entendimento da área estudada, com os conceitos dos termos que representarão os assuntos e com as relações hierárquicas, lógicas e ontológicas estabelecidas.

Por fim, conclui-se que os objetivos propostos foram atingidos no desenrolar do trabalho e que as contribuições, responderam à questão de pesquisa que se colocou:

- De que forma o bibliotecário poderá representar descritivamente e tematicamente o acervo de figurino de peças teatrais em um SRI, utilizando padrões e instrumentos internacionais disponíveis para organização da informação e do conhecimento, com vistas à precisão na sua recuperação?

Sugere-se o desenvolvimento de um software que seja utilizado por instituições detentoras de acervo de figurino, que possa disponibilizar a imagem da vestimenta em 3D e/ou em 360°, de modo que diminua o acesso e a circulação desnecessária no local onde o acervo está armazenado, bem como o manuseio inapropriado da peça, reduzindo, desta forma, os riscos para sua deterioração.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elizabeth R.; VIANA, Fausto. **Breve manual de conservação de trajes teatrais**. São Paulo: Gráfica InPrima, 2006. 99p.

BRANDÃO, Dolores Castorino. **Representação documentária de instrumentos musicais**: contribuição para a organização do Museu Instrumental Delgado de Carvalho da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 2013.

CALLAS, Marcello Girotti. **O traje de cena como documento**: estudo de casos de acervos da cidade de São Paulo. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Pós-graduação em Artes Cênicas, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

CAMPELLO, Bernadete. **Introdução ao controle bibliográfico**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Taxonomia e classificação: a categorização como princípio. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8., 2007, Salvador. **Anais....** Salvador: UFBA, 2007.

CÓDIGO de catalogação anglo-americano. 2. ed., revisão 2002, reimpressão. São Paulo: FEBAB, 2010. 2 v.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008. 451p.

DECLARAÇÃO de princípios internacionais de catalogação. Trad. de Lídia Alvarenga e Márcia Milton Vianna. IFLA, 2009. Disponível em: < www.ifla.org/files/cataloguing/icp/icp_2009-pt.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2016.

FUSCO, Elvis. **Aplicação dos FRBR na modelagem de catálogos bibliográficos digitais**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GÓMEZ, Maria Néida González de; MACHADO, Rejane. A ciência invisível: o papel dos relatórios e as questões de acesso à informação científica. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 3, n. 1, 2008.

GRAVINA, Roberta Amaral Sertório. Catalogação de objetos de moda: a roupa como instrumento de pesquisa. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FESPSP. 3., 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FESPSP, 2011. p.13.

Disponível em: <

http://www.fespsp.org.br/sic2012/papers/2011/BIB/catalogacao_de_objetos_de_moda.pdf >. Acesso em: 03 jun. 2016.

GUEDES, Vânia Lisboa da Silveira. Indexação e recuperação da Informação: princípios, conceitos e considerações. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO, 9., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2009.

IGLECIO, Paula; ITALIANO, Isabel C. O figurinista e o processo de criação de figurino. In: COLÓQUIO DE MODA 5., internacional, 8, 2012. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012. p. 1-11.

KOBASHI, Nair Yumiko. Análise documentária e representação da informação. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, jul./dez. 1996.

_____; TÁLAMO, M. de F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 7-21, set./dez. 2003. (Edição Especial). Disponível em: <<http://revistas.puccampinas.edu.br/transinfo/archive.php?OJSSID=1bcf7de1a72f69d5b262824e18d8af43>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Indexação e resumos: teoria e prática**. Tradução: Antônio Agenor Briquet de Lemos. 2. ed. rev. atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LOPES, Renata Vieira. **Figurino cenográfico: o acervo do grupo divulgação**. Juiz de fora: Ed. UFJF, 2010.

MACHADO, Cleusa Joceleia (Celeia); NOVO, Maria Fátima Simões; SILVA, Andrea Pinheiro da; AZEVEDO, Débora. Ser professor de artes cênicas no CAP-UFRJ: entre o ensino, a pesquisa e a extensão. **Teatro: criação e construção de conhecimento**, [s.l.], v. 2, n. 2, out. 2014. ISSN 2357710X. Disponível em: <<http://revista.uft.edu.br/index.php/teatro3c/article/view/722>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao teatro**. São Paulo: Ática, 2004.

MEY, Eliane Serrão Alves.; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catalogação no plural**. Brasília, D.F.: Brinquet de Lemos, 2009. 217 p.

_____; _____. Considerações teóricas aligeiradas sobre a catalogação e sua aplicação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 1, n.1, p. 125-137, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O .
GOMES, R. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVER, Chris. **Introdução à RDA: um guia básico**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2011. 153 p

ORTEGA, Cristina Dotta. Fundamentos da organização da informação frente à produção de documentos. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 7-15, jan./abr. 2008.

Disponível em:

<<http://revistas.puccampinas.edu.br/transinfo/archive.php?OJSSID=1bcf7de1a72f6d5b262824e18d8af43>>. Acesso em: 13 jul. 2016.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Gênese da Ciência da Informação ou sinais anunciadores da nova área. In: **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa, UFPB, 2002. P.61-86

RIBEIRO, Antônia Motta de Castro Memória. **Catalogação de recursos bibliográficos AACR2R em MARC21**. 3. ed ver. e ampl. Brasília, DF: Ed. do autor, 2006.

SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; PEREIRA, Ana Maria. **Catalogação: breve história e contemporaneidade**. Niterói: Intertexto, 2014.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa. A representação da informação em Arquivos: viabilidade de uso dos padrões utilizados na Biblioteconomia. **Acervo: Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro, v.20, nº 1-2, p. 57-66, jan/dez 2007.

TÁLAMO, M. F. G. M. Linguagem Documentária. São Paulo: **APB - Associação Paulista de Bibliotecários**, v. 1. 25 p. 9-12, 1997.